

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL – VALE REGISTRAR

Núcleo de História Oral

FICHA TÉCNICA

Código da entrevista: VR-HV-MA-002 A / B

Entrevistado: Francisco de Assis Moreira

Local da entrevista: Estação Ferroviária de Mariana / Vagão Oficina de Vídeo e Sala de Histórias

Data da entrevista: 07/11/2006

Horário da entrevista: 9h40min

Duração da entrevista: Tempo total: 1h50min47seg – DVD / A: 1h00min31seg
– DVD / B: 50min16seg

Equipe do Vale Registrar / História Oral:

Supervisão: Jason Barroso Santa Rosa

Subcoordenação: Josanne Guerra Simões (Keka Simões)

Entrevistadores: Josanne Guerra Simões (Keka Simões), Eder Donizete de Melo (monitor). **Intervenção:** Jason Barroso Santa Rosa

Gravação da entrevista:

Coordenação: Bellini Andrade (EMVIDEO)

Produção: Mateus Brandão (EMVIDEO)

Câmera: Rosilene Magda Figueiredo (monitora)

Equipamento utilizado: Câmera digital MiniDV

Transcrição: Eder Donizete de Melo

Data da transcrição: 29/11/2006

Conferência de fidelidade: Josanne Guerra Simões (Keka Simões)

Data da conferência: 10/01/2007

Pesquisa para notas de rodapé: Elodia Honse Lebourg, Josanne Guerra Simões (Keka Simões), Eder Donizete de Melo.

Copidesque: Maria Angélica Vieira Bonome

[Início da entrevista]

[DVD A]

Keka Simões – O senhor poderia nos dizer seu nome completo?

Francisco Moreira – Francisco de Assis Moreira.

Keka Simões – Onde o senhor nasceu?

Francisco Moreira – Nasci em Mariana, no dia 26 de julho de 1942.

Keka Simões – O senhor tem algum apelido?

Francisco Moreira – Quando criança, eu era Cisco.

Keka Simões – Cisco?

Francisco Moreira – Cisco. Eu era muito... Eu sou de sete meses... Em 1942, em Mariana, teve uma crise de tifo, uma epidemia, morreu muita gente. Minha mãe era muito caridosa, ficou ajudando as pessoas, compreendeu? Ela estava grávida de sete meses, pegou tifo e eu nasci. Fui criado por tio Adãozinho¹, [inaudível] Aníbal², minha tia Efigênia³. Até onde [inaudível], até os três anos. Com três anos, um negócio de política aí, porque eu acho que meu pai... Meu pai era de um partido e meu tio, de outro. [inaudível] meu pai soltar foguete, [inaudível] entregou ao meu pai outra vez.

Keka Simões – Qual era o nome de sua mãe?

Francisco Moreira – Diva Cecília Walter Moreira.

Keka Simões – E do seu pai?

Francisco Moreira – Antônio Alves Moreira.

Keka Simões – Eles eram daqui?

Francisco Moreira – Minha mãe era daqui. Meu pai era de Pará de Minas⁴.

Keka Simões – Certo. Em que seu pai trabalhava?

Francisco Moreira – Aqui na Central⁵, como maquinista⁶. Não. Como manobreiro⁷.

Keka Simões – E sua mãe?

Francisco Moreira – Minha mãe era doméstica.

¹ O entrevistado não mencionou o nome completo.

² O entrevistado não mencionou o nome completo.

³ O entrevistado não mencionou o nome completo.

⁴ Município de Minas Gerais.

⁵ Estrada de Ferro Central do Brasil.

⁶ Profissional responsável por operar a locomotiva.

⁷ Profissional responsável por formar as composições de um trem, manobrando os vagões.

Keka Simões – Ela faleceu quando o senhor nasceu?

Francisco Moreira – Não, ela sobreviveu. [Até]⁸ pegou muita devoção a São Roque⁹. Fizeram o parto na época aí, [inaudível] por toda a cidade. Quem estava [inaudível] e ela sobreviveu. Veio a morrer oito anos mais tarde, mas não com essa doença.

Keka Simões – Entendi. Por isso o senhor falou que, depois, foi criado, morou na casa do seu tio, não é isso?

Francisco Moreira – Morei na casa dos meus tios, os vizinhos lá [inaudível] história: “Eu criei você! Eu criei...” Afinal, eu não sei quem me criou! [riso]

Keka Simões – O senhor tem irmãos?

Francisco Moreira – Nós éramos 10 irmãos, mas agora só tem... Meu pai, quando morreu, deixou uma casa para tomar conta de minhas irmãs e eu criei as duas mais novas: Maria Efigênia Moreira, que faleceu há 10 anos, e Ana Rita¹⁰, que mora em Belo Horizonte¹¹.

Keka Simões – Os outros irmãos trabalhavam em quê?

Francisco Moreira – Um era pedreiro, o outro era militar. Esses dois morreram assim rapazinhos, o José Geraldo¹² e o Augusto¹³. O Vicente¹⁴ já trabalhava na Companhia da Passagem¹⁵.

Keka Simões – O nome do segundo que o senhor falou é Augusto?

Francisco Moreira – É, Augusto.

Keka Simões – O senhor passou a infância em Mariana?

Francisco Moreira – Em Mariana. Por eu ser muito pequeno... Tinha o apelido de Cisco... Eu tinha uma voz muito boa quando criança. Eu estava cantando em casa – isso mamãe contava – e Dom Oscar¹⁶, que era cura, passou e achou que era minha irmã que cantava muito também, a Neuza¹⁷, falecida: “Chama essa menina que está cantando, porque eu quero que ela cante uma música em uma festa que vai ter”. “Não. É meu menino”. “Então chama ele lá

⁸ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

⁹ No dia 16 de agosto, comemora-se o dia de São Roque, considerado protetor contra pestes, contágio e poluição.

¹⁰ O entrevistado não mencionou o nome completo.

¹¹ Capital de Minas Gerais.

¹² O entrevistado não mencionou o nome completo.

¹³ O entrevistado não mencionou o nome completo.

¹⁴ O entrevistado não mencionou o nome completo.

¹⁵ Companhia Minas da Passagem, localizada em Passagem de Mariana, distrito de Mariana.

¹⁶ Dom Oscar de Oliveira, Arcebispo da Arquidiocese de Mariana no período de 1960 a 1988.

¹⁷ O entrevistado não mencionou o nome completo.

para mim”. Aí me chamou. Ele gostou muito da minha voz. Dessa data em diante, eu passei a cantar em teatros, no Coral de Mestre Vicente, tinha o Coral São José, cantava no Colégio¹⁸... Virei o cantor da cidade. Por ser muito pequeno, chamava a atenção: eu tinha um vozeirão, cantava essas músicas [inaudível] cantava.

Keka Simões – Como era Mariana na sua infância? Como era a cidade? Era diferente de hoje?

Francisco Moreira – Era bem diferente. Tinha muito teatro nas ruas, você cantava nas casas de teatro, nas coroações. Durante todo o mês de maio, tinha coroação nos Grupos, na Catedral¹⁹, e as crianças [inaudível]. Eu e o Roque Camelo²⁰, por exemplo, coroamos muitas vezes juntos. Em toda coroação eu cantava. Ia a Furquim²¹ cantar. Tinha teatro no Estevão, peças teatrais...

Keka Simões – No Santo Estevão²²?

Francisco Moreira – No Santo Estevão, onde eu morei. Tinha a turma que... Os artistas éramos eu, Eunice Barbosa, Estela Walter, Filhinha Dutra... A gente representava. A Dona Hebe²³ já se apresentou muito comigo: ela era moça e eu era menino.

Keka Simões – Além de teatro, de cantar nas coroações, o que a meninada fazia na cidade? O que tinha para fazer?

Francisco Moreira – Ah! Brincava muito de pique, pulava corda... Tinha cocócio.

Keka Simões – Tinha o quê?

Francisco Moreira – Cocócio: escondia assim, entendeu?

Keka Simões – Cocócia?

Francisco Moreira – Cocócio a gente falava.

Keka Simões – Cocócio²⁴.

¹⁸ Colégio Providência, mantido pela ordem religiosa Companhia das Filhas da Caridade, em Mariana.

¹⁹ Catedral Basílica de Nossa Senhora da Assunção, Sé de Mariana.

²⁰ Advogado marianense, então vice-prefeito de Mariana.

²¹ Distrito de Mariana, onde havia uma estação ferroviária.

²² O Santo Estevão localizava-se na Rua Monsenhor Horta. Nesse educandário, funcionaram creche e escola de primeiras letras.

²³ Hebe Maria Rôla Santos, entrevistada pelo Vale Registrar.

²⁴ Provavelmente, o entrevistado está se referindo a uma brincadeira chamada “corre cotia”.

Francisco Moreira – As brincadeiras... Umas brutas também, de cascudo. Semana Santa e tal, onde estivesse: “Semana Santa pede licença!” – você tinha que se ajoelhar com as mãos postas.

Keka Simões – Se falasse cascudo?

Francisco Moreira – Não! “Semana Santa pede licença!” Viu você de longe: “Semana Santa pede licença!” Aí você se ajoelhava e punha as mãos postas, onde você estivesse. Se não se ajoelhasse, tomava três cascudos.

Keka Simões – Onde o senhor morava?

Francisco Moreira – Na Rua do Rosário, até rapazinho... Depois, meu pai morreu, eu quis pôr uma casa para mim e para minhas duas irmãs, porque nós ficamos sem nada, entendeu? Mas o juiz não deixou, porque eu era menor também, como [inaudível] de me manter e às minhas irmãs. As minhas irmãs entraram para o Colégio e eu fui morar com os meus tios. Cada dia ficava em um lugar.

Keka Simões – O senhor ficava cada dia na casa... Cada época...

Francisco Moreira – É. Cada época na casa de um, até conseguir a maioridade.

Keka Simões – Durante a sua infância, quando sua mãe e seu pai eram vivos, e depois na casa dos tios, como era a rotina? O senhor tinha alguma obrigação para fazer em casa?

Francisco Moreira – A gente ajudava na despesa, dava um tanto por mês, é lógico. E o que eles pediam, eu fazia. Porque a gente era muito pobre. Antigamente não tinha muito esse negócio que tem hoje: Conferência Vicentina²⁵, [trabalho]²⁶ de cesta. Buscava lenha, levava almoço na Passagem, levava dois cestos. Trabalhava na portaria até as nove horas; às nove horas eu saía... Ia sair da portaria na Rua Alphonsus de Guimaraens. Eu saía da Alphonsus Guimaraens, ia ao Campo do Olímpic²⁷ pegar a do Nonô Dilau²⁸...

Keka Simões – Nonô Dilau?

²⁵ Constituídas por grupos de católicos vicentinos que se reúnem para discutir assuntos religiosos e sociais e para praticar ações de caridade.

²⁶ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

²⁷ Olímpic Sport Club, clube esportivo e social, localizado no centro de Mariana.

²⁸ O entrevistado não mencionou o nome.

Francisco Moreira – É, ele se chamava. Morava agarrado à Rua Santana. Aí vinha de onde é o Terminal²⁹, passava, entrava no Faísca³⁰, pegava a do Célio Lemos, Nativo³¹ e Ildeu³². Era uma cesta bem grande, dentro da qual vinha uma marmitta e uma garrafa [dessas]³³ de Coca-Cola, de guaraná, de café e uma merenda.

Keka Simões – E levava para Passagem?

Francisco Moreira – É, levava. Aí subia a ladeira, onde mora [Beijo]³⁴, cunhado do... Gritava: “Almoço!” Punha as quatro marmittas na cesta lá. Depois ia lá embaixo, na Rua Dom Viçoso, pegava a do Senhor Jaime³⁵, [Til]³⁶ e Murilo³⁷. Aí subia, amarrava as oito – quatro aqui e quatro aqui³⁸ –, punha em uma corda, chegava à casa de Pacheco³⁹ e gritava: “Almoço!” Por esses dias, a gente estava lembrando isso também...

Keka Simões – Quem? Pacheco?

Francisco Moreira – Pacheco. Aí descia, pegava a de Manoel⁴⁰ e a do Senhor Geraldo⁴¹; subia, pegava a de Pacheco, pegava [de Jaci]⁴² e ia até Passagem. Isso já eram 11 horas. Se atrasasse, eles xingavam. Ia a pé.

Keka Simões – Onde o senhor entregava essas marmittas?

Francisco Moreira – Lá em Passagem, na Companhia.

Keka Simões – Na Companhia?

Francisco Moreira – É. Tinha vez que eu fazia em meia hora só: corria igual a um... Isso foram anos aí! Para ajudar nas despesas, porque a gente era muito pobre.

Keka Simões – Como o senhor ia para Passagem?

²⁹ O Terminal Turístico Manoel da Costa Ataíde está localizado na Praça Presidente Tancredo Neves, no centro da cidade.

³⁰ Hotel Faísca, situado à Rua Antônio Olinto, no centro de Mariana.

³¹ O entrevistado não mencionou o nome.

³² O entrevistado não mencionou o nome completo.

³³ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

³⁴ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

³⁵ O entrevistado não mencionou o nome completo.

³⁶ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

³⁷ O entrevistado não mencionou o nome completo.

³⁸ O entrevistado indica com gestos a disposição das marmittas: quatro penduradas em cada ombro.

³⁹ Antônio Manoel Pacheco Filho, ministro e zelador da Capela da Ordem Terceira de São Francisco de Assis, em Mariana.

⁴⁰ O entrevistado não mencionou o nome completo.

⁴¹ O entrevistado não mencionou o nome completo.

⁴² Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

Francisco Moreira – A pé, uai⁴³! Ia e voltava. Chuva, sol... E não de sapato. Ia descalço.

Keka Simões – Nossa!

Francisco Moreira – Eu tenho marca no pé até hoje!

Keka Simões – O senhor fazia isso todo dia?

Francisco Moreira – Todo dia, de segunda a sábado. E não podia atrasar! Se atrasasse o almoço, se [inaudível] eles achavam ruim, xingavam.

Keka Simões – Cada uma dessas casas por onde o senhor passava era responsável por fazer...

Francisco Moreira – Para a família fazer. Mandava para...

Keka Simões – Para uma pessoa.

Francisco Moreira – A mãe do Pacheco, a mãe do [inaudível], a Celina⁴⁴, a Sinhazinha⁴⁵, mulher do Nonô fazia. Eu chegava e geralmente estava pronto. Era só esperar um pouquinho. Tinha casa que atrasava. Aí eu ficava doido!

Keka Simões – Além desse trabalho e das brincadeiras que o senhor falou, tinha algum brinquedo, alguma coisa de que o senhor gostava muito?

Francisco Moreira – Eu sempre fazia imagem, não é? De tudo o que via eu fazia. Se eu visse você e quisesse fazer você de barro, ou de madeira, eu fazia. Só que eu apanhava muito. Eles falavam... Minha mãe estava doente, depois meu pai morreu, casou, não deu certo por um problema lá. “Essas imagens que você está fazendo, chamando trabalho...” Para cada imagem que eu fazia – e que eles descobriam – eu tomava um coro. Por fim, eu desgostei e parei.

Keka Simões – Ah, então o senhor gostava de esculpir, de modelar...

Francisco Moreira – É, gostava.

Keka Simões – E acharam que isso não era bom para o senhor?

Francisco Moreira – Falavam que chamava o trabalho para dentro de casa.

Keka Simões – Ah! Chamava o trabalho? Coisa ruim?

Francisco Moreira – Uma vez eu fiz uma Nossa Senhora da Conceição – agora eu estou lembrando – desse tamanho assim⁴⁶, de madeira, pé de

⁴³ Expressão típica do mineiro que indica surpresa, espanto, certeza ou terror.

⁴⁴ O entrevistado não mencionou o nome completo.

⁴⁵ O entrevistado não mencionou o nome.

⁴⁶ O entrevistado faz um gesto indicando o tamanho da imagem: aproximadamente 60 centímetros.

jabuticaba, que eu fui cortando. Uma senhora pediu para ela e levou embora. Deu até um corte para fazer uma calça! Fiquei todo alegre! [risos]

Keka Simões – O senhor freqüentava a escola?

Francisco Moreira – Freqüentava. Estudei no Benevides⁴⁷.

Keka Simões – Estudou no Dom Benevides?

Francisco Moreira – Estudei.

Keka Simões – Até quando o senhor ficou lá? Quantos anos mais ou menos?

Francisco Moreira – Eu saí do Grupo com 10 anos. Só fiz a primeira, a segunda, a terceira e quarta séries. Quinto ano eu fiz no Santo Estevão. No ano seguinte, tinha que ir para o Ginásio. Só que eu não fui, porque a minha mãe tinha morrido e a vida mudou, não é? Não era mais aquela...

Keka Simões – Aí o senhor parou?

Francisco Moreira – Eu não tive condição. A gente andava sempre de roupa de saco, não tinha roupa, roupa tingida... Calça... Comprava saco – saco de passar no chão – e fazia calça, só um calção assim com suspensório de [corda]⁴⁸. Essa era a roupa da gente. Não tinha aquela roupa chique, como tem hoje em dia. A gente chega à escola hoje e não sabe o que eles vestem, não é? De tanta roupa!

Keka Simões – De tanta roupa que tem, não é?

Francisco Moreira – É.

Keka Simões – Onde eram essas escolas em que o senhor estudou: o Santo Estevão e o Benevides? Eram no mesmo lugar de hoje?

Francisco Moreira – Até hoje. O Santo Estevão hoje é creche, [inaudível] tinha o quinto ano lá. Ah! Estudei também, por uns dois anos, no externato do Cônego Braga.

Keka Simões – Onde era o externato?

Francisco Moreira – Era ali no Jardim⁴⁹, onde foi o GIS⁵⁰. Aquele salão...

Keka Simões – Ah... Aquele salão do GIS.

Francisco Moreira – É. Tinha muita gente, Zizi Sapateiro⁵¹... Tinha muita gente... Gil⁵², Sebastião Ribeiro, todos estudaram lá.

⁴⁷ Escola Estadual Dom Benevides, situada na praça de mesmo nome, em Mariana.

⁴⁸ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

⁴⁹ Nome dado pelos moradores de Mariana à Praça Gomes Freire de Andrade.

⁵⁰ Grupo de Integração Social.

⁵¹ Artista plástico marianense. Trabalhou também no cinema da cidade.

Keka Simões – Sebastião Ribeiro?

Francisco Moreira – Tudo... É. [inaudível]

Keka Simões – Nessas escolas onde o senhor estudou...

Francisco Moreira – Mas lá se estudavam línguas, não é? Latim, Francês, Inglês...

Keka Simões – Onde? No externato?

Francisco Moreira – No externato.

Keka Simões – Ele era específico para línguas?

Francisco Moreira – Língua inglesa e francesa.

Keka Simões – Olha! E nessas escolas, alguma data cívica ou religiosa era comemorada?

Francisco Moreira – Ah, muitas! Tinha 21 de Abril⁵³, tinha Dia das Mães, tinha Primavera – Dia da Árvore –, tinha Dia da Bandeira... Inclusive no quarto ano eu ganhei um prêmio. Tinha teatro no colégio. Dia 19 de novembro era feriado – Dia da Bandeira – e eu cantei uma música que falava: “Meus senhores vejam e reparem / Uma efígie que trago na mão”.⁵⁴ Essa música foi... Falava sobre a bandeira, não é? Aí chegou um inspetor de Belo Horizonte que [chamava Firmo]⁵⁵... Os exames de antigamente... Não hoje... Você podia ganhar 10 o ano todo. Você entrava no exame com 10, mas se enterrasse, você tomava bomba, entendeu?

Keka Simões – No final do ano vinha um inspetor?

Francisco Moreira – Um inspetor. Teve um ano que [inaudível] sabia que eu tinha cantado, [inaudível] Hino Nacional: “Ah! Você sabe o Hino! Pode ir para a casa”. [riso]

Keka Simões – Aí o senhor passou?

Francisco Moreira – Passei! [risos]

Keka Simões – Em relação a essas festas que o senhor falou, o senhor acha que hoje em dia tem modificação?

⁵² O entrevistado não mencionou o nome completo.

⁵³ Data comemorativa do Dia de Tiradentes.

⁵⁴ O entrevistado canta o trecho transcrito.

⁵⁵ Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

Francisco Moreira⁵⁶ – Até a gente cantava o Hino Nacional todo dia. No mês de setembro cantava no Dia da Árvore... Tinha Independência⁵⁷, Dia do Soldado também, que seria em agosto, cantava.

Keka Simões – Aí cantava o Hino Nacional?

Francisco Moreira – Tinha teatro. Até em uma peça que teve no Santo Estevão, eu fiz o soldado. Eu fiz o papel, não sei se com [Hebe]⁵⁸ ou com a Lurdinha Queiroz. Era sobre um filho que, quando criança, [inaudível] perdeu, ele não sabia quem era o pai. Ele perguntou ao irmão mais velho, o irmão mais velho contou para ele. Ele desespera e foge. Quando a mãe vai procurá-lo, encontra-o morto, abraçado a uma cruz. [inaudível]

Keka Simões – Olha!

Francisco Moreira – Eu era menino. Até ganhei um prêmio com esse teatro.

Keka Simões – E festa religiosa?

Francisco Moreira – Ah! Tinha muita festa... Acabou muito. Acabou o Congado⁵⁹ do Rosário, que era famoso na cidade. Acabou a Festa de Santa Efigênia⁶⁰. Acabou a Festa de Nossa Senhora no mês de maio. Não tem mais. Coração de Jesus⁶¹ não tem mais. Quer ver mais... Deixa lembrar aqui... São Roque continua, não é? Santana⁶² fracassou bem. Barro Preto⁶³, Santa Cruz⁶⁴... Era famosa a Festa de Santa Cruz! Santo Antônio⁶⁵ também era muito... Antes [inaudível] não vai, mas antes a cidade toda se movimentava.

Keka Simões – Antes, todo mundo participava dessas festas?

Francisco Moreira – Semana Santa então era um trem⁶⁶ doido! Na Semana Santa o povo só acompanhava a Procissão dos Passos⁶⁷. O resto era cercado, porque só as moças do Colégio e os seminaristas⁶⁸ acompanhavam. Eram muitos, não é?

⁵⁶ O entrevistado não respondeu à pergunta.

⁵⁷ Feriado comemorativo do Dia da Independência do Brasil, sete de setembro.

⁵⁸ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

⁵⁹ Manifestação cultural em homenagem a Nossa Senhora do Rosário e a outros santos de devoção das irmandades negras.

⁶⁰ No dia 21 de setembro, comemora-se a Festa de Santa Efigênia.

⁶¹ No dia três de junho, comemora-se o dia do Sagrado Coração.

⁶² No dia 26 de julho, comemora-se o dia de Santana.

⁶³ Bairro de Mariana.

⁶⁴ A Festa da Santa Cruz costuma ser celebrada no último fim de semana do mês de maio.

⁶⁵ No dia 13 de junho, comemora-se o dia de Santo Antônio.

⁶⁶ Trem, neste caso, é uma referência à Semana Santa.

⁶⁷ Procissão que ocorre na Semana Santa e que reverencia os Passos da Paixão de Cristo.

⁶⁸ Seminaristas do Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte, localizado onde hoje funciona o Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto.

Keka Simões – Ah, então a procissão era só...

Francisco Moreira – É. Na Sexta-Feira da Paixão⁶⁹ o povo acompanhava atrás do esquife. Mas o povo assistia, nós fazíamos um teatro... Era muito bonito, era muito bonito!

Keka Simões – E nessas outras festas, como o senhor falou...

Francisco Moreira – Aí era o povo...

Keka Simões – Da Santa Efigênia... Aí era todo mundo?

Francisco Moreira – Era o povo. Domingo de Ressurreição também era o povo. O povo ia, depois entrava o Colégio, os seminaristas. O Seminário daqui... Acho que eram uns 400 seminaristas. O Colégio tinha umas 600 moças.

Keka Simões – Bastante gente!

Francisco Moreira – E todas de uniforme. Uniforme lá era impecável! As moças tinham o tamanho da saia, tantas marcas de prega assim na saia, [inaudível]. Era muito alinhado mesmo o Colégio!

Keka Simões – Tudo igualzinho, não é?

Francisco Moreira – Tudo igualzinho. Até a cor.

Keka Simões – E o congado? O senhor falou que era famoso o Congado do Rosário.

Francisco Moreira – Era famoso, era famoso! Eu era menino quando acabou. E Festa do Divino⁷⁰ também. Do Divino ainda continua, mas não é como era antigamente.

Keka Simões – Tinha novena? Como era?

Francisco Moreira – Tinha novena. A Novena de Santa Efigênia, eu até cantava no coro. No dia, saía o Congado, aquelas festanças todas.

Keka Simões – Tinha quermesse, essas coisas assim?

Francisco Moreira – Tinha. Acabou tudo. Um cura chegava e cortava uma coisa, chegava e foi cortando e...

Keka Simões – Foi acabando, não é?

Francisco Moreira – Foi acabando.

Keka Simões – Que lembrança positiva o senhor tem dessa época de escola? Tinha algum professor de quem o senhor gostava mais? Como era?

⁶⁹ Refere-se à Procissão do Enterro, realizada na Semana Santa.

⁷⁰ A Festa do Divino Espírito Santo se realiza no Domingo de Pentecostes, 50 dias depois da Páscoa.

Francisco Moreira – Não. A minha professora, no primeiro ano, foi Dona Vera Santos. Eu sempre fui... Por eu cantar muito, eu tinha muito cartaz no Grupo, entendeu? Elas tinham muita coisa comigo. Era Vera, Dona Francisca⁷¹, Dona Lívia⁷², Dona Ana Melo, Dona Quequeta⁷³.

Keka Simões – Dessa época de escola o senhor tem lembrança negativa?

Francisco Moreira – Ah! Tem muita coisa! A gente era muito humilhada assim, assim. Muitas coisas! Não é bom nem lembrar! É mais negativo do que positivo. Porque o pobre sempre é visto assim, não é?

Keka Simões – Só na hora em que o senhor cantava era que o senhor...

Francisco Moreira – É. Mas quando morreu meu pai, muitos amigos meus, que eram amigos assim, [inaudível]. Talvez eu que destoei, porque uns foram para o Seminário estudar e eu fui para a fábrica, trabalhar à noite, de 10 às seis.

Keka Simões – Ah, então o senhor foi trabalhar na fábrica?

Francisco Moreira – [inaudível] para manter, não é? Porque meu pai não deixou nada para nós.

Keka Simões – Que idade o senhor tinha quando entrou para a fábrica?

Francisco Moreira – Entrei com 15 anos. No outro ano meu pai morreu. Eu fiz 17 anos, 16, 17 anos quando ele morreu.

Keka Simões – Como se chamava a fábrica?

Francisco Moreira – Fiação Tecelagem São José.

Keka Simões – O que o senhor fazia lá?

Francisco Moreira – Fazia linha.

Keka Simões – Ah, fazia linha?

Francisco Moreira – Fazia linha. Ganhava por produção, entendeu? Assim: para ganhar o salário mínimo, hoje você tem que fazer mil quilos de linha por dia. Se não fizesse... Você vinha e assinava, para receber um salário. Aí eles somavam e multiplicavam pelo tanto de linha que você tinha feito. Tinha vez que ganhava até metade do salário mínimo por mês.

Keka Simões – Se não conseguisse atingir?

⁷¹ O entrevistado não mencionou o nome completo.

⁷² O entrevistado não mencionou o nome completo.

⁷³ O entrevistado não mencionou o nome.

Francisco Moreira – É. O dinheiro vinha tirado. Na folha, você assinava que ganhava um salário mínimo, entendeu?

Keka Simões – A Fábrica tinha muitos funcionários?

Francisco Moreira – Ah, uns novecentos e tantos, quase mil!

Keka Simões – Quase mil?

Francisco Moreira – Quase mil na época.

Keka Simões – Olha! O senhor falou que trabalhava à noite.

Francisco Moreira – À noite, era.

Keka Simões – Qual era o horário?

Francisco Moreira – De 10 às seis.

Keka Simões – De 10 às seis da noite.⁷⁴

Francisco Moreira – Todo dia, semana a semana. Folga só no sábado e domingo. No sábado e domingo ia tocar, não é? Eu quase não dormia.

Keka Simões – Quase não dormia?

Francisco Moreira – À noite. Só [inaudível], mas geralmente a gente tocava.

Keka Simões – Essa Fábrica fazia tecido...

Francisco Moreira – É.

Keka Simões –... e o tecido era vendido. O senhor sabe para onde ia?

Francisco Moreira – Ia para Barbacena⁷⁵, para a estamperia.

Keka Simões – Estamperia em Barbacena?

Francisco Moreira – Em Barbacena. E lá vendiam.

Keka Simões – O senhor trabalhou na Fábrica durante quanto tempo?

Francisco Moreira – Foi de 1959, 1958 a 1966. Eu fui o último operário a sair da Fábrica.

Keka Simões – Por que o senhor saiu da Fábrica? E o que o senhor foi fazer?

Francisco Moreira – Porque ela fechou. Eles queriam me transferir para Barbacena, não queriam me mandar embora de jeito nenhum! Mas só que eu tinha as minhas irmãs e elas já estavam moças, entendeu? Aí [inaudível] tinha namorado, dava muito problema. Eu preferi ficar aqui. Trabalhei, arrumei emprego de porteiro no Grupo...

Keka Simões – No Grupo? Qual Grupo?

⁷⁴ A entrevistadora confundiu-se. Provavelmente quis dizer: “de 10 às seis da manhã”.

⁷⁵ Município de Minas Gerais, onde está localizada a sede da Fiação e Tecelagem São José S/A.

Francisco Moreira – Aqui na Soares Ferreira⁷⁶. Trabalhei durante seis anos. Depois tive uma coisa de úlcera. Aquele negócio de trabalhar à noite, eu tomava muito café com Coca-Cola para perder o sono, compreendeu? Às vezes estava com sono e tinha que tocar; outra hora tinha que trabalhar. Eu entrava na Coca-Cola e o sono acabava! Então foi acabando com meu estômago, não é? E nunca fui de muito alimento também. Às vezes trabalhava a noite inteira sem comer nada! O sono vinha: uma garrafa, uma caneca de Coca-Cola com café. Então acabou com meu estômago. Eu não tenho duodeno mais. Eu tenho problema sério até hoje, por causa desse passado.

Keka Simões – No Grupo, até quando o senhor ficou trabalhando de porteiro?

Francisco Moreira – Até 1962⁷⁷. Tive úlcera [fui operado]⁷⁸.

Keka Simões – [Inaudível].

Francisco Moreira – Não, o médico me afastou. Tinha uma dona que falou que eu não podia ficar afastado, mas eu tinha direito ao vencimento. Mas mesmo sem esse vencimento, eles falaram que eu não podia ficar, não sei o quê... Eu acabei... Se eu tivesse a experiência que tenho hoje, eu não tinha pedido, mas eu tinha... A gente era muito simples, não é? Simples assim, sem saber os direitos que a gente tem. Eu fui, pedi exoneração e fiquei só costurando.

Keka Simões – Aí o senhor foi costurar?

Francisco Moreira – Não, eu já costurava. Eu não parei de costurar.

Keka Simões – Pois é, isso eu queria também saber...

Francisco Moreira – Eu trabalhava à noite e costurava de dia.

Keka Simões – O senhor aprendeu a costurar com quem? Como foi isso?

Francisco Moreira – Quando minha mãe morreu, eu era criança. Eu vinha do Grupo e não tinha com quem ficar. Então, ia para a alfaiataria. A minha irmã trabalhava na Fábrica para ajudar na despesa. Aí ficava mais com... Aí de dia... ia para alfaiataria, costurava; ia para casa das minhas tias, dos meus parentes [arrumava]⁷⁹ casa para eles, passava roupa, buscava lenha... Era uma infância bem difícil!

⁷⁶ Escola Estadual Soares Ferreira.

⁷⁷ O entrevistado provavelmente se enganou quanto a essa data. Anteriormente, havia afirmado que saiu da Fábrica em 1966, quando então foi trabalhar como porteiro.

⁷⁸ Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

⁷⁹ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

Keka Simões – Mas o senhor falou que tinha um tio que era alfaiate?

Francisco Moreira – É. Meus tios todos eram alfaiates.

Keka Simões – Todos eram alfaiates?

Francisco Moreira – É. Foi minha avó a costureira e foi passando. Inclusive aquela máquina em que costuro foi de minha avó.

Keka Simões – A que o senhor tem?

Francisco Moreira – É, na que eu costuro.

Keka Simões – Olha! O senhor foi aprendendo e costurava no horário em que não estava na Fábrica?

Francisco Moreira – Não. Geralmente saía da... Não, na Fábrica não. Quando eu fui para a Fábrica eu...

Keka Simões – Não, pois é, fora do horário da Fábrica, quando o senhor...

Francisco Moreira – Ah! Depois que o meu pai morreu eu [peguei direto]⁸⁰, eu enfrentei mesmo. Às 10 horas em ponto punha para despertar... Chegava à Fábrica às seis horas... Eu morava com meu tio perto da Fábrica aqui⁸¹, agarrado à Fábrica, entrando no Rosário⁸². Então eu chegava, punha o relógio para despertar às 10, 10 e meia. Despertava, levantava e tomava um café com Coca, [inaudível] com Coca-Cola e ia para o trabalho. Nunca tive preguiça, graças a Deus! Sempre encarei a vida com... Sempre cantando assim, não estava nem aí para...

Keka Simões – Sobre a alfaiataria, Senhor Chiquinho, muita gente fazia roupa?

Francisco Moreira – Fazia.

Keka Simões – Tem diferença para hoje?

Francisco Moreira – Ah, tem! Agora acabou. [inaudível] à toa, porque... Nos anos 1970, naquela época da pantalona, tinha época em que trabalhava comigo... Eu chegava a fazer 60 calças por semana. Eu tinha seis pessoas que trabalhavam comigo: o Juca⁸³ (meu sobrinho), minha irmã, minha tia, meu tio e um amigo meu, José Alencar, que costurava muito para mim.

Keka Simões – Então diminuiu, não é?

⁸⁰ Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

⁸¹ A Fábrica São José localizava-se onde hoje é o Ginásio Poliesportivo de Mariana, na Avenida Getúlio Vargas.

⁸² Bairro de Mariana.

⁸³ O entrevistado não mencionou o nome.

Francisco Moreira – Acabou. Alfaiate acabou. Por esses dias, eu vi uma entrevista com um alfaiate de São Paulo⁸⁴: ele até está varrendo rua em São Paulo, porque não tem condições mais de...

Keka Simões – Já adolescente, rapaz, o que o senhor e seus amigos gostavam de fazer? O que tinha para fazer em Mariana?

Francisco Moreira – Eu fazia muita seresta, não é?

Keka Simões – Ah, é?

Francisco Moreira – Eu nunca tive assim... Desde que meu pai morreu e deixou a casa para mim e para minhas irmãs, eu sempre fui [inaudível], rezava muito. Eu sou muito católico, [inaudível] aceitar as coisas como são, a gente tem que aceitar. Então eu nunca tive assim amigo. Tive Marcinho⁸⁵, meu primo, que é um amigão que até hoje... [inaudível] esquece, não é? E Juca, [Dante]⁸⁶. Fazia serenata. Então, o forte nosso era serenata. Tocava para as moças, as moças abriam a janela, jogavam água, a gente ficava doido! [risos]

Keka Simões – Elas gostavam?

Francisco Moreira – Ah, gostavam! Tocava no Colégio, tocava nas... Rodava a cidade toda!

Keka Simões – As irmãs do Colégio não reclamavam?

Francisco Moreira – Não gostavam. Não gostavam muito. A gente também tocava... As minhas irmãs moravam lá, eu tocava muito com o coral do Colégio, ajudava as irmãs no coral, [inaudível], ensaiava a Verônica⁸⁷ para elas. Desde 1962 eu ensino o canto da Verônica. Até hoje eu ensino aqueles cantos da Sexta-Feira da Paixão. E até hoje elas têm muita consideração comigo. Às vezes, a gente precisa de uma ajuda, uma pessoa carente que quer estudar, vai lá e conversa com a superiora. Ela está sempre de mãos abertas para a gente.

Keka Simões – Ah, que bom! O senhor falou que gostava de fazer seresta, não é? No geral, aqui na cidade, o que as pessoas faziam? Tinha cinema? Aonde as pessoas iam?

⁸⁴ Capital do estado de mesmo nome.

⁸⁵ O entrevistado não mencionou o nome completo.

⁸⁶ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

⁸⁷ Na Procissão do Encontro, celebrada durante a Semana Santa, a dor de Cristo é anunciada com o canto de Verônica, uma alusão à figura feminina que teria limpado o sangue de seu rosto com um manto, durante sua Paixão.

Francisco Moreira – Ah, tinha! Você podia ir ao cinema. Tinha cinema, tinha o Jardim que era chique, não é? Andavam as pobres em cima e as ricas embaixo.

Keka Simões – As pobres em cima e as ricas embaixo?

Francisco Moreira – É. Naquela parte de baixo, as que estudavam no Colégio, as moças mais... Andavam todas de relógio de pulso na mão assim pela rua afora...

Keka Simões – Mostrando o relógio?

Francisco Moreira – Mostrando o relógio. E as pobres lá, na parte de cima, com vestido de chita.

Keka Simões – Com vestidinho de chita?

Francisco Moreira – É. Mas tinha umas meio chiques também, umas atrevidas! [risos]

Keka Simões – O horário de ir para o Jardim era o dia inteiro, à noite, de dia era melhor?

Francisco Moreira – Era sempre à noite.

Keka Simões – E baile?

Francisco Moreira – Os bailes eram chiques, não é? O Marianense⁸⁸, o Guarany⁸⁹... Nos anos 1960, saíram duas *misses* de Mariana. Saiu a Denise Guimarães, que foi *Miss Belo Horizonte*. Ela era de Passagem⁹⁰, o pai dela era de Passagem, filha do Doutor Oswaldo⁹¹. Foi *Miss Minas Gerais* e tirou o terceiro lugar no *Miss Brasil*, naqueles áureos tempos do concurso. Mais tarde, a Eliane⁹² ganhou também a *Miss Brasil*.

Keka Simões – Aqui tinha moça bonita, então?

Francisco Moreira – Muitas moças bonitas! O Colégio selecionava. Muito feia eles não... [inaudível] uma moça feia no Colégio.

Keka Simões – É mesmo? As moças do Colégio eram todas bonitinhas?

Francisco Moreira – É tudo... Esses filhinhos de papai, não é? [risos]

Keka Simões – Nessa época, tinha algum lugar que se alguém freqüentasse ficava com má fama? Algum lugar proibido, onde as moças não podiam ir?

⁸⁸ Esporte Clube Marianense, clube esportivo e social, localizado na Praça Gomes Freire de Andrade.

⁸⁹ Guarany Futebol Clube, clube esportivo e social, localizado no centro de Mariana.

⁹⁰ Passagem de Mariana.

⁹¹ Oswaldo Guimarães, médico que residia em Passagem de Mariana.

⁹² Eliane Guimarães, eleita *Miss Brasil* na década de 1970.

Francisco Moreira – Não é... Tinha o Maracatu⁹³ que era dos pobres. Depois veio o Ferroviário também...

Keka Simões – Ferroviário era o quê?

Francisco Moreira – Era dos ferroviários.

Keka Simões – Um clube?

Francisco Moreira – É. Onde mora o Zé Carabina⁹⁴. Ali era a sede.

Keka Simões – Zé Carabina?

Francisco Moreira – É. É, ali na Mestre Nicanor⁹⁵. Ali era a sede. Até na inauguração, eu e minha prima cantamos lá.

Keka Simões – É mesmo? Nunca soube desse clube dos ferroviários!

Francisco Moreira – É. Tinha dos ferroviários aí...

Keka Simões – Tinha baile?

Francisco Moreira – Tinha festa. A gente tocava... Depois passou para debaixo da casa do Doutor Celso⁹⁶. Eles ficaram na... Parece que deu um problema ao acabar a Central. Depois veio a Leopoldina⁹⁷, eles venderam a sede e passaram a sede para a casa do Senhor Celso. Depois acabou.

Keka Simões – Nesses bailes, nesses eventos na cidade, o senhor tocava?

Francisco Moreira – Tocava.

Keka Simões – O senhor sempre ia para tocar?

Francisco Moreira – Só para tocar. Eu ganhava, tinha uma porcentagem. Tocava no [inaudível] e em festa... Tocava muito no... Vivia mais tocando. Até na Fábrica, depois que eu trabalhava [inaudível], largava serviço. Ou então, em vez de trabalhar de domingo para segunda, eu saía para tocar à noite. Às vezes, eu tinha carta branca: “Ah! Trabalha de dia no seu horário, faz o seu horário de dia”. E à noite ia tocar.

Keka Simões – O senhor já falou da Fábrica, aqui da Estação. Quais eram as outras atividades econômicas da cidade?

Francisco Moreira – Tinha uma turma que trabalhava no café na Passagem, quer dizer, no chá. Chá. [Lá com o]⁹⁸ Senhor Cançado⁹⁹.

⁹³ Até o momento, não foi possível obter informações adicionais sobre este clube.

⁹⁴ José Tito Soares, morador de Mariana.

⁹⁵ Rua Mestre Nicanor, localizada no centro de Mariana.

⁹⁶ O entrevistado não mencionou o nome completo.

⁹⁷ Estrada de Ferro Leopoldina.

⁹⁸ Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

⁹⁹ O entrevistado não mencionou o nome completo.

Keka Simões – Senhor Cançado?

Francisco Moreira – É. Senhor Cançado. E tinha também o... Tirava ouro, buscava lenha... Eu mesmo já vendi muita lenha. Os rapazes, os meninos pegavam malas na Estação também. Época de férias, a gente ia ao Colégio, pegava a mala, levava na cabeça e, aqui¹⁰⁰, ganhava uma gorjeta.

Keka Simões – Ah, trazendo as malas das moças!

Francisco Moreira – Das moças. Época de férias ficava alegrinho: “Está chegando a hora das moças...” [risos]

Keka Simões – Quando elas voltavam, também vocês deviam...

Francisco Moreira – É. [Ficava]¹⁰¹ também. Chegavam de trem. O trem chegava de Belo Horizonte¹⁰² ao meio-dia; o de Ponte Nova¹⁰³ chegava às três horas¹⁰⁴. Ficava [feliz]¹⁰⁵ pegando mala! [risos]

Keka Simões – Ganhava um dinheirinho, não é? [riso]

Francisco Moreira – É, ganhava.

Keka Simões – O senhor acha que a cidade mudou em termos de economia?

Francisco Moreira – Ah, melhorou bem, não é?

Keka Simões – Melhorou?

Francisco Moreira – Você vê casa mais... Você não vê menino descalço. Eu nunca tive sapato na minha infância! Eu tive com... Quando cantava, eu cantava com uma roupa de Mundinho Horta¹⁰⁶; ele, o Paulinho¹⁰⁷, meu primo, que era da família do meu tio que era bem graduada... Você [a mãe]¹⁰⁸ emprestava a roupa. Roupa minha, eu não ia com a minha roupa, não.

Keka Simões – Então, o senhor acha que melhorou, não é?

Francisco Moreira – A gente não esquece. Em 1950, 1951, eu fui cantar em Ouro Preto, em uma festa. Dona Alice Horta¹⁰⁹ me deu um terno de Mundinho:

¹⁰⁰ Refere-se à Estação Ferroviária de Mariana, onde a entrevista foi realizada.

¹⁰¹ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

¹⁰² Por Belo Horizonte passava um trecho da Linha do Paraopeba, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil.

¹⁰³ Município de Minas Gerais, onde terminava o Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

¹⁰⁴ Quinze horas.

¹⁰⁵ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

¹⁰⁶ Raimundo Horta, então vereador de Mariana.

¹⁰⁷ Paulo Walter.

¹⁰⁸ Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

¹⁰⁹ Mãe de Raimundo Horta.

ele crescera muito e eu era muito pequenininho. Aí me deu o terno. Eu fiquei todo alegre de terno! [risos]

Keka Simões – Ganhou o terno de Mundinho Horta?

Francisco Moreira – [inaudível]

Keka Simões – Na sua mocidade, quais eram as forças políticas da cidade?

Francisco Moreira – Toda vida foram Direita e Esquerda.

Keka Simões – Esses grupos existem até hoje, de alguma forma?

Francisco Moreira – Acabou muito, mas ainda tem uma rinha. Ficou uma heranzinha, não é?

Keka Simões – Ainda tem um pouquinho?

Francisco Moreira – Tem! [riso] Não tem muito, não. [inaudível] tem que ter cuidado, não é?

Keka Simões – Por que uma se chamava Direita e a outra se chamava Esquerda? O que fazia ter essa rivalidade?

Francisco Moreira – Eram Piolho e Percevejo, antigamente. Depois passou para Direita e Esquerda.

Keka Simões – Ah! Primeiro se chamavam Piolho e Percevejo?

Francisco Moreira – Você era Piolho ou Percevejo. Percevejo era da Direita e Piolho era da Esquerda.

Keka Simões – Você era de qual: Piolho ou Percevejo?

Francisco Moreira – Era dividido: meu pai era Piolho e minha... Mãe era doente – até fanática! – pelo Percevejo. Inclusive nós éramos mais retraídos, porque papai era desses Piolhos terríveis e vice-versa, não é? Meu tio ficava [inaudível], era motivo de briga! [riso]

Keka Simões – Vocês ficavam mais ou menos no meio, porque...

Francisco Moreira – No meio.

Keka Simões – Sua mãe foi corajosa: casar-se com essa briga toda?

Francisco Moreira – Meu pai veio de fora, de Pará de Minas, não é? Ele se casou logo. Depois que se casou, foi que ele descobriu que [ele gosta]¹¹⁰ da Direita. Doutor Osório¹¹¹, que era parente dele... Os dois eram muito amigos. Então coleou, arrumou uma confusão! [riso]

Keka Simões – Como eram as campanhas eleitorais?

¹¹⁰ Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

¹¹¹ O entrevistado não mencionou o nome completo.

Francisco Moreira – Ah... [Tinha... era fogo]¹¹². A Banda¹¹³ saía, soltava... Insulto... Tampava foguete, jogava trem¹¹⁴ na rua. Era até um inferno aquilo!

Keka Simões – É? E tinha comício, essas coisas todas?

Francisco Moreira – Tinha. Comício... Era muito dividido assim: ele era da Esquerda e aquela menina era da Direita¹¹⁵. Ela não podia nem pensar em namorá-lo, porque brigava a cidade toda, não é?

Keka Simões – Todo mundo entrava no meio?

Francisco Moreira – Ah, entrava no meio, falava: “Não pode namorar, porque ele é da Esquerda, [não presta]¹¹⁶”. [risos]

Keka Simões – Também tinha divisão: clube de um, clube de outro...

Francisco Moreira – É, tinha. Tinha o Marianense e o Guarany. E não misturava, nem as moças se misturavam! Nos anos 1960 deu até confusão no Colégio! Teve até expulsão por causa disso! Eu sei que eles foram a um lugar e as moças da Direita barraram as moças da Esquerda. Eu sei que teve um quebra-quebra... Esteve feio!

Keka Simões – Fazia-se alguma propaganda política? Tinha alguma música que se cantava?

Francisco Moreira – Tinha.

Keka Simões – Como era? O senhor lembra?

Francisco Moreira – Pode cantar aí?

Keka Simões – Pode, uai!

Francisco Moreira – Tinha um tango argentino [inaudível]: “Adeus amigos / companheiros de derrota / Adeus meu chefe / Oh, Celso Mota¹¹⁷”. Mas não falar [inaudível] não, porque isso mexe com muita gente! [risos]

Keka Simões – Aí cantou essa para o...

Francisco Moreira – Não, o povo cantava! Todo mundo saía na rua...

Keka Simões – Todo mundo cantando.

Francisco Moreira – Tudo cantando.

Keka Simões – Aí virava uma confusão, não é? [riso]

¹¹² Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

¹¹³ Banda União XV de Novembro.

¹¹⁴ Trem, neste caso, é uma referência aos materiais que se jogavam nas ruas.

¹¹⁵ O entrevistado refere-se, para dar um exemplo, ao monitor Eder Donizete de Melo e à monitora Rosilene Magda Figueiredo.

¹¹⁶ Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

¹¹⁷ Chefe político marianense, integrante do PSD (Partido Social Democrático) na década de 1950.

Francisco Moreira – Tinha muita música. [inaudível]

Keka Simões – O senhor falou que trabalhou muito, que teve uma vida muito difícil. Como o senhor vê a infância e a adolescência hoje? Tem diferença?

Francisco Moreira – Havia mais respeito. No meu tempo de criança, se você fosse uma pessoa mais idosa... Mesmo sem ser idosa. Se fosse menina e rapazinho, ele dava lugar, seja em qualquer lugar, entendeu? Hoje não! Não se respeita. Eu vejo moça do Colégio passando... Você está passando, às vezes, e eles encostam para você descer. Eu acho isso uma falta de... Eu acho que isso devia ser reivindicado. Por esses dias, no Jardim eu vi umas velhinhas passando e umas meninas lá. Elas tiveram que passar no meio da rua – quase um carro atropela a dona – porque as meninas estavam paradas na rua. Eu acho uma falta de respeito! Eu acho que as escolas deviam cobrar isso das crianças. E os pais também. [inaudível] Hoje em dia está muito assim [inaudível] pau a pau, não é? Filho responde pais, essa coisa. Está certo, [porque]¹¹⁸ antigamente você podia estar certo, mas se seu pai falasse que você estava errado, você estava errado, entendeu? Foi por causa da ditadura... Melhorou um pouquinho nesse ponto. Mas foi demais! Agora criança responde pais e eu acho isso uma falta de respeito. No meu tempo não! Eu fazia imagem – não tinha nada de mais – para brincar, fazia para brincar de procissão...

Keka Simões – Ah! Brincava de procissão?

Francisco Moreira – Era. Eu e meu primo, Paulo Walter – você¹¹⁹ conhece, não é? – éramos coleados e gostávamos de política também. [inaudível] lá para o Rosário, Paulinho brigou com o amigo dele. Aí nós... Eu fiquei triste, nós não tínhamos sino: era a enxada que batia no pé de jabuticaba. Nós subíamos e ficávamos¹²⁰...

Keka Simões – Ah! Para fazer o sino da brincadeira?

Francisco Moreira – É. Para chamar as meninas, porque estava na hora da procissão, não é? E meu tio comprou um São Sebastião desse tamanho assim, de verdade¹²¹, de massa, de gesso. Nós não tínhamos pintura, roubávamos anil para fazer ouro, aquela coisa toda. Mas não era aquela pintura... Eu lembro que eu fiquei triste, porque a meninada foi toda para a casa dele, não é? Eles

¹¹⁸ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

¹¹⁹ A entrevistadora Keka Simões responde afirmativamente com um gesto.

¹²⁰ O entrevistado imita o som de um sino.

¹²¹ Indica com um gesto o tamanho da imagem.

iam dar bala e... Filhinha Dutra trazia, porque eles eram fazendeiros, não é? Levava essas bananas assim, partia: era a hóstia. A procissão dava a hóstia – uma fitinha de banana para cada um. Mas a deles ia dar bala. Foi todo mundo para...

Keka Simões – Foi todo mundo para a outra procissão.

Francisco Moreira – É, foi triste. Aí ele foi lá para casa: “É Cisco, não veio ninguém na nossa procissão. Mas, se a procissão descer, ela não sobe”. Ele escondeu, deu uma bodocada, quebrou a imagem no meio da rua! Não sei como ele acertou direitinho na imagem. E foi aquela confusão! [risos] [inaudível] tem umas coisas que grava, não é?

Keka Simões – Vocês faziam procissão... Quer dizer, a do outro ficou com muito mais gente, ninguém foi na sua...

Francisco Moreira – Mas foi uma só, depois acabou a dele também.

Keka Simões – A dele acabou. Mas aí vocês saíam à rua?

Francisco Moreira – Saíamos. Subíamos o Rosário, dávamos a volta lá em cima. Saíamos à tardinha, depois das cinco e meia, seis horas, porque de dia trabalhávamos. Saía aquela turma [inaudível]. Semana Santa, as minhas irmãs... Essa Ana Rita cantava: ela foi uma das maiores Verônicas que teve aqui em Mariana, nos anos 1960.

Keka Simões – Quem?

Francisco Moreira – Ana Rita, minha irmã. É a caçula, que eu criei. Até tem gravação dela na Alemanha. Os alemães gravaram, sabe? A Rede... O pessoal da Rádio Inconfidência¹²², que veio transmitir a Semana Santa, convidou-a para ser e foi [inaudível]. Mas ela era menor e o juiz, na época, não deixou. Até hoje ela tem uma voz muito boa. Aí saía cantando Verônica. Tinha viúva, tinha banda, uns fazendo banda...

Keka Simões – Imitando?

Francisco Moreira – É, com bambu... Era animada a meninada! E era uma meninada criativa, entendeu? Era uma infância bem divertida!

Keka Simões – Era bem criativo mesmo, não é?

Francisco Moreira – Era bem criativo.

Keka Simões – O senhor se casou?

¹²² Emissora de rádio de Minas Gerais.

Francisco Moreira – Não.

Keka Simões – Continuou sua vida na mesma casa, ligado com...

Francisco Moreira – Não. Meus pais morreram. Aí eu saí de casa.

Keka Simões – Pois é. Depois, na casa dos seus tios, as irmãs...

Francisco Moreira – Quando minha mãe morreu, quando minhas irmãs saíram do Colégio, [inaudível] eu estava em uma situação meio difícil [inaudível]: “Ah, fica comigo aqui! Você divide as despesas e vai ser bom para mim e bom para você”. Aí foi bom, porque eu tocava muito na época e ela, as meninas [filhas dela]¹²³ foi ensinar a fazer as coisas, passaram a aproveitar mais a vida, porque passaram a adolescência toda internas.

Keka Simões – Então o senhor foi morar com a sua irmã?

Francisco Moreira – Aí elas se casaram: “Ah, fica conosco! Você vai morar sozinho?” Eu já estava doente, já tinha operado de úlcera. Aí fiquei com ela. Depois ela morreu e não tive onde ficar. Fui morar na alfaiataria¹²⁴. Morei lá 10 anos. Não tinha onde ficar. O salário não era... Alfaiataria fracassando... Aí eu consegui, com muito sacrifício, fazer uma casinha para mim. Hoje, graças a Deus, estou no céu! Depois de 50 anos, fui ter uma casa para morar, graças a Deus!

Keka Simões – Onde era essa casa que o senhor morou junto com a sua irmã?

Francisco Moreira – Morei aqui na Estação. Depois eles se mudaram para a Rua Nova¹²⁵. Meu cunhado mora lá até hoje... Casou-se...

Keka Simões – Apesar de não ter se casado, o senhor teve uma vida com sua irmã, com a família dela, não é?

Francisco Moreira – É.

Keka Simões – Ela teve filhos...

Francisco Moreira – Teve [inaudível] sobrinhos, teve.

Keka Simões – Eles estudaram aqui?

Francisco Moreira – Estudaram, todos estudaram. Um trabalha na Vale¹²⁶, um trabalha na Prefeitura, um é despachante, um trabalha na Companhia aí [inaudível] também.

¹²³ Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

¹²⁴ A alfaiataria do entrevistado localiza-se no andar térreo da sede da Banda União XV de Novembro, situada à Rua Direita.

¹²⁵ Antigo nome da Rua Dom Silvério.

Keka Simões – Todos estudaram em Mariana?

Francisco Moreira – Todos estudaram em Mariana.

Keka Simões – Da época em que o senhor estudou para a época em que seus sobrinhos estudaram, a escola mudou?

Francisco Moreira – O ensino... A gente saiu do Grupo. Eu tenho quatro... Eu tenho dois anos de externato e quinto ano... Ah! Eu não tenho medo dessa turma formada, não!

Keka Simões – O ensino que o senhor teve foi muito bom.

Francisco Moreira – No princípio, a gente estudava uma matéria o ano todo, entendeu? [inaudível] Além da prova, você tinha uma prova oral. Prova oral você tirava sorteio. No sorteio, se saísse, por exemplo, para você falar sobre o funcionamento do coração, para que servia a artéria, você tinha que falar detalhadamente. Se você desse uma furada, era pau: tomava bomba.

Keka Simões – O senhor falou que vinha um inspetor de fora...

Francisco Moreira – De fora. E fiscalizava. E não perdoava.

Keka Simões – Era prova oral?

Francisco Moreira – Prova oral. Você subia na frente e falava para todo mundo. Não tinha marmelada, não!

Keka Simões – De qual matéria o senhor gostava mais?

Francisco Moreira – Ah, eu tinha muita facilidade para aprender! Até hoje! Inclusive eu canto as músicas que toco, eu sei a letra da música, sei a divisão e as notas da música também. Graças a Deus, sempre tive essa facilidade!

Keka Simões – Seu negócio sempre foi música, não é?

Francisco Moreira – Toda vida, desde os cinco anos. Toda vida eu sei cantar. Se estou alegre, eu canto; se estou triste, eu canto. Eu não toco assim igual... A maioria toca para os outros. Eu toco para mim, entendeu? Se você gostou, gostou; se não gostou... Só se vai ganhar, é lógico... No casamento, a moça pede: "Toca tal música para mim no casamento". Eu vou tocar. Mas eu não me preocupo em estudar uma música difícil para mostrar que sou o maior, porque o maior é Deus. Então tem muita gente melhor do que eu. Não tem nem comparação! Mas tem muita gente pior do que a gente, então... Nós estamos no mesmo caminho. Eu sempre tenho essa coisa comigo.

Keka Simões – Como o senhor começou a se interessar por música? O senhor falou que cantava, que Dom Oscar o escutou cantando e tal. Mas tocar instrumentos, quando foi isso?

Francisco Moreira – Tocava, porque eu... Minha tia ficava xingando, porque mestre Adãozinho¹²⁷ [tinha muita coisa]¹²⁸ com minha madrinha que me criou, onde fui criado, não é? E ela falava: “Ah, você precisa tocar também!” Eu gostava mesmo era de cantar. Aí tanto [falou na minha cabeça]¹²⁹ que eu fiquei triste, até aprender música, mas eu já sabia... O meu tio dava aula de música.

Keka Simões – Ah, o seu tio dava aula de música?

Francisco Moreira – Canto de música para a Banda. Tio Aníbal, depois passou José... Primeiro foi meu avô que se juntou com Gomes Freire¹³⁰ e fez a Banda. Ele ficou três, quatro meses e não fazia nada! Eles contavam... Ele ficou só por conta de formar uma banda. Por conta de política aí, saiu no dia 15 de novembro, foi até 15 de novembro. E dele passou para tio José, de tio José para tio Aníbal e foi passando e ensinando... Em 1950... Em 1962, meu tio ensinava, eu já estava na Banda, e o meu tio... Ensinei um [inaudível] um compadre já de idade. Idade não, cinqüenta e poucos anos. Aí meu tio, que estava velho demais, falou que eu podia ensinar escondido. Eu ensinei. Meu tio, quando estava com sua esposa doente, pediu para eu continuar ensinando para ele. E ensinando estou até hoje.

Keka Simões – O senhor começou a ensinar...

Francisco Moreira – É. Sempre tem aluno aí, sempre.

Keka Simões – Que instrumento o senhor tocou primeiro?

Francisco Moreira – Foi sax horn...

Keka Simões – Sax o quê?

Francisco Moreira – Horn. É um instrumento de acompanhamento. Depois toquei saxofone soprano. Mas eu era muito pequeno e muito magro. Eu trabalhava só à noite e [não comia]¹³¹. Nos anos 1960, eu pesava trinta e poucos quilos: era pele e osso mesmo! Então o saxofone era muito pesado, entendeu? Aí ia tocando e tocando, [inaudível] xingar: “Ah! Você vai cair na rua

¹²⁷ Provavelmente, refere-se ao seu tio Adão.

¹²⁸ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

¹²⁹ Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

¹³⁰ Doutor Gomes Freire de Andrade, médico e político marianense.

¹³¹ Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

com instrumento e tudo!” Foi Senhor Badi¹³²... “Ah! Compre um sax para você”. “Eu tenho que pagar as contas todas do meu pai, que ficaram para trás...” [inaudível] “Não. Você pode comprar e pagar quando puder”. Ele me emprestou dinheiro e eu comprei. Chegou um moço [inaudível] e eu comprei, em 1961, o saxofone que tenho até hoje.

Keka Simões – O senhor ficou tocando sax?

Francisco Moreira – Esse aí você pode pendurar e a mão segura aqui.¹³³

Keka Simões – Aí facilitou, não é?

Francisco Moreira – Facilitou bem.

Keka Simões – O senhor aprendeu com quem? Com seu tio...

Francisco Moreira – Com meu tio, tio Walter.

Keka Simões – Foi seu tio que ensinou, não é? E o senhor...

Francisco Moreira – A música não! De tanto ouvir, entendeu? Porque eu ouvia e... Eu também era curioso, até chegava e olhava para ele lá... Mas eu aprendi sem ter vontade de tocar, entendeu?

Keka Simões – O senhor queria mesmo era cantar.

Francisco Moreira – É. Eu gostava de cantar. Todo mundo falava: “Ah...!” Tinha calouro também no Guarany, no Olímpic... Onde é o Dois Irmãos¹³⁴, em cima era uma sede e todo domingo tinha calouro, entendeu? Eu...

Keka Simões – Ah! Show de calouro?

Francisco Moreira – É, para menino cantar. Cantava moça... Eu ia lá e todo domingo ganhava. Foram e me deram um couro¹³⁵ na rua, porque eu não podia cantar, porque eu ganhava todo domingo. Eu e minha prima ganhávamos caixinha de sabonete. Naquele tempo, não tinha sabonete. A gente tomava banho até com sabão de [pedra]¹³⁶, duro. Então a gente cantava e ganhava prêmio, ganhava sabonete. Outra hora, uma caixa de doce.

Keka Simões – E quem...

Francisco Moreira – Com um doce grande eu ficava doido! [risos]

Keka Simões – Quem era jurado? Tinha um corpo de júri?

¹³² Badi Salim Mansur era comerciante em Mariana.

¹³³ Indica com gesto como segurar o sax.

¹³⁴ Bar e lanchonete, situado à Praça Presidente Tancredo Neves, centro de Mariana.

¹³⁵ Surra.

¹³⁶ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

Francisco Moreira – Tinha um corpo de jurado e tinha um gongo também. Eles batiam o gongo.

Keka Simões – Ah, tinha o gongo?

Francisco Moreira – Tinha. Se errasse, tocava o gongo.

Keka Simões – Era o júri que dava o...

Francisco Moreira – É o [inaudível] que dava o gongo.

Keka Simões – E tinha auditório?

Francisco Moreira – Tinha, o povo ia, dava vaia. Mas eu nunca fui gongado, não.

Keka Simões – Nunca tomou vaia também não?

Francisco Moreira – Não. Graças a Deus, não!

Keka Simões – Ah, essa é interessante também! E...

Francisco Moreira – Eu só tomei vaia uma vez. Eu fui cantar aquela **Terra Seca**, de Ari Barroso, em um teatro que teve no Cine¹³⁷... Tinha teatro no Cine. O Cine era um teatro. A tinta era pouca, pintaram de preto minha barriga, daqui para cima, e a perna ficou branca e puseram uma jarra assim¹³⁸. E o rapaz, o escravo que veio gritando “socorro”, apanhando... Coitado! Ele chutou, esbarrou... Não foi culpa dele. Esbarrou na jarra, a jarra caiu na mesinha que estava me tampando. A mesinha caiu e, quando o povo me viu de perna branca, um gritou: “Olha o negro de perna branca!” Aí vaia choveu! [Meu tio queimou no golpe comigo! Que era burro!]¹³⁹. Era aquela música: “Quando o negro chegou por aqui...” Cantei esse pedacinho... “Era mais forte e ligeiro do que um saci. [inaudível] essas matas e esses campos sem fim. O negro era valente...”¹⁴⁰ e vai [inaudível]. [risos]

Keka Simões – Nossa Senhora! Que vexame foi esse!

Francisco Moreira – Aí o povo vaiou, mas não foi porque eu estava cantando [inaudível], mas porque o povo [inaudível].

Keka Simões – É. Não foi por causa do senhor, foi por causa da situação.

Francisco Moreira – Por causa da situação. Foi gozado! Dá o contraste: aqui pretinho igual a carvão; lá [inaudível]. [risos]

Keka Simões – O senhor falou que isso foi no Cine?

¹³⁷ O cinema funcionava onde hoje é o teatro do SESI-Mariana.

¹³⁸ Indica com gesto a localização da jarra, no chão do palco.

¹³⁹ Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

¹⁴⁰ O entrevistado canta o trecho transcrito.

Francisco Moreira – No Cine.

Keka Simões – Ali onde...

Francisco Moreira – Onde agora é o... No Jardim ali, o...

Keka Simões – O SESI¹⁴¹, no SESI.

Francisco Moreira – É. SESI mesmo.

Keka Simões – Eu já fiz outra entrevista e me falaram que, além do cinema, tinha teatro lá, como esse de que o senhor participou, não é?

Francisco Moreira – Eu [inaudível] em 1964, o Zizi Sapateiro escreveu uma peça teatral chamada **Erro Judiciário**. Teve Elisa Godoy. E no final, nos intervalos, eu cantava. Então eu dava um show assim... Aí Zizi encenou **Sansão e Dalila** e essa mocinha aqui era bailarina, tinha umas pernas bonitas; se chegasse perto ficava doido, porque a moça andava [com a saia]¹⁴² aqui. Aí ela foi quase pelada e o povo delirou! Na hora de [inaudível], eu tocando aquela música árabe, não é? Quando [inaudível] fez aquela barulhada! Caiu tudo! Apagava a luz e acendia! Só que na hora em que a luz acendeu, ela ficou quieta no chão. Quando foi cutucar para ela levantar, ela estava desmaiada: levou uma paulada na cabeça! E Zizi gritando: “Cadê Amâncio¹⁴³?” – Amâncio era o farmacêutico, na época – “A moça! Pelo amor de Deus! A moça desmaiou!” Aí saíram carregando-a pelada pela rua afora! Foi a maior piada!

Keka Simões – Como se chamava essa peça?

Francisco Moreira – **Erro Judiciário**. Mas não foi na peça, foi no intervalo.

Keka Simões – Foi no intervalo.

Francisco Moreira – Tinha três atos. No primeiro ato você começava... No primeiro e segundo a gente cantava e tocava e no terceiro... Intervalo. Zizi encenou essa cena de **Sansão**. Eu não sei o que ele arrumou [inaudível], um tal de Elias Layon, um gordão, foi Sansão, entendeu? Eu não sei o que ele arrumou, esbarrou em um negócio lá e caiu em cima da cabeça de [inaudível], da bailarina. [risos] Mas foi uma vaia! [inaudível] o povo [inaudível].

Keka Simões – Ia muita gente a esses teatros?

Francisco Moreira – Ah, lotava! Pagava, pagava e...

Keka Simões – Pagava e ficava cheio.

¹⁴¹ Em Mariana, a sede do SESI (Serviço Social da Indústria) localiza-se na Rua Frei Durão, próxima à Praça Gomes Freire de Andrade.

¹⁴² Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

¹⁴³ Amâncio Arinos de Queiroz.

Francisco Moreira – Ficava cheio! E ganhava muito assim... Nós ganhávamos mil réis, 10 mil réis, cinco, quando tocávamos [inaudível]. Desde menino, ganhava um dinheiro com isso. Eles davam gratificação, eles davam gorjeta.

Keka Simões – Antes de começar a gravar, o senhor estava me falando dos carnavais de Mariana. Como eram? O senhor tocava?

Francisco Moreira – Eu fazia parte da banda que ia tocar no Marianense. E saíam os blocos. O povo da Esquerda ficava do lado do Guarany; o da Direita, da Sé para cima. Ah! Quando passava, era aquela brigaiada! E importante, foi nos anos de... 1962... Cada rua fazia um bloco também. Quando o bloco da rua ia com a orquestra do Guarany, [tomava apelido de]¹⁴⁴ Bloco da Esquerda; quando era o pessoal do Marianense que ia tocar, era da Direita. Teve um ano em que nós saímos do Rosário, da Wenceslau¹⁴⁵, com um bloco, e o pessoal da Rua Nova, da Chácara¹⁴⁶, veio com um Bloco da Esquerda. Só que a baiana do Rosário, aquelas baianas grandes... Uma tal de Odete¹⁴⁷ era costureira e bordou a baiana toda e saiu. E estava aquela música: “Chegou um telegrama lá do [inaudível], minha sogra vem aí”.¹⁴⁸ [inaudível]. Quando chegou à porta da Sé foi um quebra-quebra da orquestra! Na briga, a baiana Odete, do Rosário, passou para a Chácara, e a baiana magrinha da Chácara passou para... Quando chegou ao Jardim, deram um cacete na banda do [inaudível] baiana e foram buscar a baiana do Rosário! [risos]

Keka Simões – Trocaram a baiana...

Francisco Moreira – [inaudível] na porta da Sé, vinha a baiana toda torta: quebraram a baiana toda!

Keka Simões – Então tinha briga o Carnaval todo?

Francisco Moreira – Até no Carnaval [inaudível] eles brigavam! Tudo era motivo de briga política!

Keka Simões – No Carnaval, os blocos saíam na rua?

Francisco Moreira – É. Agora em Mariana tinha o desfile de fantasias. Era muito chique!

¹⁴⁴ Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

¹⁴⁵ Rua Wenceslau Brás, localizada no centro de Mariana.

¹⁴⁶ Bairro de Mariana.

¹⁴⁷ O entrevistado não mencionou o nome completo.

¹⁴⁸ O entrevistado canta o trecho transcrito.

Keka Simões – O senhor tocava tanto na rua quanto no Marianense, não é isso?

Francisco Moreira – Tocava. Sempre tinha um bloco das donas da vida, aquelas coitadas! Aí só saía de caminhão. Elas enchiam o caminhão e pediam para a gente tocar. Eu tocava. Não estava nem aí!

Keka Simões – Ah, é? Da zona boêmia?

Francisco Moreira – Zona boêmia. Saía e rodava o Rosário todo, só de caminhão também. Eu saía tocando, eu e o Ernesto¹⁴⁹, a turma toda.

Keka Simões – No clube, eram alguns músicos que ficavam tocando?

Francisco Moreira – É, coletado, não é? Tinha que ter fôlego para tocar, porque não parava. Agora pára, não é? Toca duas horas, 15 minutos de descanso, agora. Era assim: a orquestra que parava não prestava.

Keka Simões – Tinha que tocar direto?

Francisco Moreira – Direto. [Até no]¹⁵⁰ Guarany assim: “Ih! O Guarany parou a orquestra: fracassaram”. Era aquela vaia toda! [inaudível]

Keka Simões – O senhor estava me contando da rotina no Carnaval: o senhor tocava das 10 da noite...

Francisco Moreira – Às seis da manhã.

Keka Simões – Às seis da manhã. E aí o que o senhor fazia?

Francisco Moreira – Tinha dia em que ia para casa dormir; tinha dia em que juntava com umas moças aí, ia para o coreto¹⁵¹ e ficava tocando. Tomava café com Coca-Cola e voltava às duas horas.

Keka Simões – Às duas horas, onde ia tocar?

Francisco Moreira – Até às seis, na matinê das crianças, porque as crianças não entravam à noite. Aí vinha em casa, jantava. Pegava o bloco, rodava. E no último dia, ainda ia para Ouro Preto, rodava Ouro Preto todo. Ouro Preto não tinha Carnaval, não.

Keka Simões – Ouro Preto não tinha Carnaval?

Francisco Moreira – Não. Os blocos daqui desfilavam lá.

Keka Simões – Ah, é?

Francisco Moreira – É.

¹⁴⁹ O entrevistado não mencionou o nome completo.

¹⁵⁰ Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

¹⁵¹ Localizado na Praça Gomes Freire de Andrade.

Keka Simões – Nunca soube disso!

Francisco Moreira – E era dureza, porque só iam os caminhões, não é? Os músicos íamos a pé. Naquelas ladeiras os caminhões corriam...

Keka Simões – Vocês iam tocando a pé, subindo?

Francisco Moreira – Saíamos correndo atrás, tocando. A gente era nova, tinha muito fôlego!

Keka Simões – Eu não sabia que lá não tinha... Não tinha Carnaval nenhum? Nem de rua?

Francisco Moreira – [inaudível] aquela música: “Minha terra tem palmeiras...”, nós subindo a ladeira, tocando e [Tio Niquinho, Zé Atanázio e Zé Conceição]¹⁵² não agüentou subir a ladeira correndo e ficou para trás. Quando chegou à Praça¹⁵³, ficamos eu e o José Camilo. Chegamos sozinhos à Praça; o resto todo não agüentou subir a ladeira! [riso]

Keka Simões – Ficou todo mundo...

Francisco Moreira – Porque os caminhões embalavam, não é?

Keka Simões – Gente! Eu não sabia disso, que lá não tinha Carnaval! E o povo de Ouro Preto vinha...

Francisco Moreira – Não! O povo daqui ia para lá.

Keka Simões – Ia para lá?

Francisco Moreira – Saía das Cabeças¹⁵⁴ e vinha cá na Praça. Chegava aqui... Aí quando acabava o bloco... Os fantasiados ficavam esperando na rodoviária, onde hoje é o Terminal. Quando chegava a tarde, a gente subia na boléia do caminhão e ia. Ia de caminhão também, não tinha ônibus naquela época. A gente apeava, descia do caminhão, embalava e ia para a [sede tocando]¹⁵⁵, tocando. Rodava a cidade ainda e voltava para a [inaudível], tocando.

Keka Simões – Em Ouro Preto – eu fiquei curiosa com isso –, o senhor falou que não tinha Carnaval. As pessoas da cidade não gostavam ou era porque...

Francisco Moreira – Gostavam. A gente era muito aplaudida.

Keka Simões – Vocês eram aplaudidos e eles acompanhavam.

Francisco Moreira – Aplaudidos.

¹⁵² Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

¹⁵³ Praça Tiradentes.

¹⁵⁴ Bairro de Ouro Preto.

¹⁵⁵ Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

Keka Simões – Ah, engraçado isso, não é? E hoje lá o povo...

Francisco Moreira – É. Lá tem um Carnaval bem bom, muito bom agora! Lá tinha uns blocos, mas não era igual ao Marianense. Porque o Marianense era [os carros era]¹⁵⁶, alinhado mesmo, sabe? [Os carros]¹⁵⁷ ficavam muito bonitos, eles caprichavam mesmo!

Keka Simões – Além do Carnaval e da Banda – depois nós vamos falar da Banda – em quais outras ocasiões o senhor tocava? O senhor já falou do teatro, não é?

Francisco Moreira – Eu tocava em... Eu toco em coroação, tocava em missa e até hoje toco. Casamento, tudo isso eu tocava.

Keka Simões – Além do baile de Carnaval, outros bailes na cidade eram chiques, famosos?

Francisco Moreira – Não, o mais famoso era do Marianense. O Guarany tinha também. Ah! Muitos bailes tinham aqui!

Keka Simões – Eram diferentes de hoje?

Francisco Moreira – Diferentes de hoje. As moças caprichavam também, aqueles vestidos longos... Não eram como hoje, quando se vai de qualquer jeito, sabe? Saltos altos...

Keka Simões – Era tudo bem chique?

Francisco Moreira – Era. O povo era graduado. Hoje não, hoje é igual, não é? Você não sabe quem é pobre e quem é rico. Eu sei porque eu mexo com São Vicente¹⁵⁸: até hoje, vejo lá certos pobres que [inaudível] as cestas, andam vestidos iguais a nós estamos aqui, sem... Antigamente você diferenciava quem era pobre e quem era rico. [A pobreza... era]¹⁵⁹ muita diferença mesmo.

Keka Simões – O senhor me falou que há um tempo tinha o Maracatu.

Francisco Moreira – É, o Maracatu...

Keka Simões – O que era o Maracatu?

Francisco Moreira – Era só dos mais... Pessoas de cor e pobres.

Keka Simões – Onde funcionava? Onde eles se reuniam?

Francisco Moreira – Era ali... Sabe o Sumidouro que é aquela... Tem uma loja, umas lojas ali... Era um prédio que tinha ali.

¹⁵⁶ Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

¹⁵⁷ Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

¹⁵⁸ Sociedade São Vicente de Paula.

¹⁵⁹ Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

Keka Simões – No Sumidouro?

Francisco Moreira – Não. Ali na antiga Praça do Sumidouro, indo para a Delegacia, descendo a Sé: aquele prédio, onde tem uma porção de lojas agora, era um salão. Dos Mansur¹⁶⁰. Ali era o Maracatu. Pessoas de cor, mais pessoas de cor.

Keka Simões – Mas aí tinha baile?

Francisco Moreira – Baile tinha. Tinha escola de samba e tudo.

Keka Simões – Eles saíam no Carnaval?

Francisco Moreira – Saíam. Mas não se misturavam: eles tinham o baile deles. As moças do Marianense, no Marianense; o Guarany... E os escurinhos, pobres, no Maracatu.

Keka Simões – O senhor estava me falando também das músicas que se tocavam no Carnaval. O povo gostava mais de alguma música? Como era?

Francisco Moreira – Todo ano, não podia tocar música antiga, [inaudível] assim. [inaudível] uma música igual... Saiu em 1964: “Minha terra tem palmeiras, minha...”.¹⁶¹ No ano seguinte, não tocava mais essa música; se tocasse, a orquestra não prestava. Tinha aqueles álbuns com trezentas e tantas músicas.

Keka Simões – Todo ano tinha que renovar?

Francisco Moreira – Tinha que renovar. Você ficava doido com [inaudível]. Você ligava o rádio, ficava copiando a música. Por isso [inaudível], estão acabando os músicos assim de... O computador então acabou com o músico: ele baixa lá e sai música. Ninguém quer ter o trabalho de ouvir e passar para a pauta, não é?

Keka Simões – Os senhores ficavam no radinho, compravam a...

Francisco Moreira – Não, o rádio tocava o dia inteiro também. Depois do Natal só dava música de Carnaval, no rádio. Até o Carnaval só... Depois que passasse o Carnaval, também acabava; só tinha música... Aí vinha série de Ângela Maria, de Cauby¹⁶², Dalva¹⁶³, Dóris Monteiro, compreendeu? Roberto Carlos e essa turma nova agora.

¹⁶⁰ Família marianense.

¹⁶¹ O entrevistado canta o trecho transcrito.

¹⁶² Cauby Peixoto.

¹⁶³ Dalva de Oliveira.

Keka Simões – Aí ficava todo mundo treinando e aprendendo a cantar para o Carnaval?

Francisco Moreira – Para o Carnaval. Também a gente gostava muito e aprendia as músicas novas que saíam. [Rádio batia...]¹⁶⁴ não tinha muita propaganda, não é? A televisão acabou com muita música; são mais propaganda e novela, essas coisas. Não tinha muito... Novela no rádio, não é? Mas durante o dia, por exemplo, só música.

Keka Simões – O senhor falou de alguns cantores que até hoje são muito famosos. Cantores de fora vinham dar show em Mariana? O senhor se lembra de alguma coisa assim?

Francisco Moreira – Eu lembro que Dalva de Oliveira esteve uma vez aqui em Mariana. Era pouco, porque também quando tinha, ingresso... A gente era pobre, pagava, [inaudível] também.

Keka Simões – O senhor se lembra da Dalva de Oliveira?

Francisco Moreira – Dalva eu lembro. Nos anos 1960 ela esteve aqui.

Keka Simões – Onde ela se apresentou?

Francisco Moreira – No Cine.

Keka Simões – No Cine também?

Francisco Moreira – É. Tinha um circo também! Silvinho¹⁶⁵ veio aqui também uma vez.

Keka Simões – Silvinho?

Francisco Moreira – É. Aqui no circo. Veio Silvinho e veio também, acho, Adelaide Chiozzo¹⁶⁶.

Keka Simões – No circo?

Francisco Moreira – É. Um circo que tinha aqui, onde é o INPS¹⁶⁷, o antigo INPS. Ali, na Delegacia, era uma praia, não é? O circo ficava ali.

Keka Simões – Ah! O circo ficava ali?

Francisco Moreira – É.

Keka Simões – É uma região que se chama praia, ali embaixo¹⁶⁸.

¹⁶⁴ Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

¹⁶⁵ Cantor e compositor.

¹⁶⁶ Atriz e cantora.

¹⁶⁷ Instituto Nacional de Previdência Social, atual INSS, Instituto Nacional de Seguridade Social.

¹⁶⁸ A entrevistadora Keka Simões explica o significado da palavra praia, no contexto, para Jason Santa Rosa, coordenador do Vale Registrar, que assistia à entrevista.

Francisco Moreira – É. Agora é Rua [Nossa Senhora do Carmo]¹⁶⁹, indo para o Morro Santana¹⁷⁰.

Keka Simões – Esse era outro tipo de evento que acontecia aqui, então?

Francisco Moreira – De vez em quando, quase sempre ali tinha circo.

Keka Simões – Quase sempre tinha circo?

Francisco Moreira – É. Circo e cigano davam muito aqui.

Keka Simões – Cigano?

Francisco Moreira – É. Vinham muitas barracas de ciganos aí também.

Keka Simões – Onde ficavam essas barracas?

Francisco Moreira – Ficavam lá ou então onde hoje é o Sacolão¹⁷¹. Ali também era uma praia, não tinha o Sacolão. Aí ficavam [inaudível] ciganas. Circo também ficava ali.

Keka Simões – As ciganas faziam o quê? Elas...

Francisco Moreira – Tiravam sorte. O povo acreditava muito.

Keka Simões – O povo ia lá?

Francisco Moreira – [Lia carta]¹⁷². Ia muita gente. E faziam festa também. Eu mesmo já cantei muito em circo aí.

Keka Simões – No circo?

Francisco Moreira – É. De umas músicas [ciganas]¹⁷³ eles gostavam. Tinha que tocar e cantar.

Keka Simões – Eles contratavam o senhor?

Francisco Moreira – Contratavam, mas [inaudível]. [riso]

Keka Simões – Eles escolhiam o tipo de música que o senhor...

Francisco Moreira – A gente cantava aquelas músicas espanholas.

Keka Simões – Então essa é outra... Outro local onde o senhor também acabava trabalhando, não é?

Francisco Moreira – É.

Keka Simões – Agora a gente vai entrar, especificamente, na questão da Banda. Pelo que entendi, o senhor veio de uma família fundadora da Banda.

¹⁶⁹ Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

¹⁷⁰ Bairro de Mariana.

¹⁷¹ Atualmente, na Rua Mestre Nicanor existe um sacolão de frutas e verduras.

¹⁷² Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

¹⁷³ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

Francisco Moreira – Meu avô, por parte da minha avó, Torquato Cardoso, era maestro da Banda Militar do Império, entendeu?

Keka Simões – Torquato?

Francisco Moreira – Cardoso. O filho dele foi maestro da Banda e depois fundou a Banda de Camargos¹⁷⁴. Meu avô por parte... Meu avô também era músico.

Keka Simões – Qual era o nome de seu avô?

Francisco Moreira – Augusto Walter. O pai dele era inglês e também músico. E foi passando... Mas até briga de família de músico... De disputa, entendeu?

Keka Simões – Ah, teve disputa?

Francisco Moreira – Era uma disputa assim da família: um queria ser melhor do que o outro... Até há pouco tempo, um criticava o outro.

Keka Simões – Nós vamos dar uma paradinha para trocar a fita. Sobre essa parte, a gente tem muita coisa ainda para conversar.

Francisco Moreira – Está certo.

[DVD B]

Keka Simões – Senhor Chiquinho, vamos retomar, não é? Vamos entrar na questão da Banda. Qual é o nome da Banda em que o senhor toca ou tocou?

Francisco Moreira – Toquei. É União XV de Novembro.

Keka Simões – O senhor só tocou na União XV de Novembro?

Francisco Moreira – Só na União XV de Novembro.

Keka Simões – O senhor falou que essa é uma Banda que foi... Desde a fundação tem pessoas da sua família...

Francisco Moreira – Nos anos 1960, um terço da Banda era só da família. Eram meus tios: tio Aníbal, que era maestro; tio Niquinho, Joãozinho, Álvaro, Marcinho, [Gladis, Strauss]¹⁷⁵, eu e um sobrinho de nome Francisco¹⁷⁶.

Keka Simões – O senhor sabe qual foi o motivo de criação dessa Banda?

Francisco Moreira – Político, não é? Doutor Gomes Freire pediu vovô para fazer uma banda. A Direita não tinha banda. [Aí reuniram e pediu vovô.

¹⁷⁴ Distrito de Mariana.

¹⁷⁵ Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

¹⁷⁶ O entrevistado não mencionou os nomes completos.

Vovô]¹⁷⁷ foi, pediu um tempo: em quatro meses, ele punha a Banda na rua, ele preparava uma banda. E preparou mesmo.

Keka Simões – Ele era músico?

Francisco Moreira – Ele era músico e professor.

Keka Simões – Aí ele preparou a Banda para sair?

Francisco Moreira – É.

Keka Simões – O outro lado, o outro partido, já tinha uma Banda?

Francisco Moreira – Já tinha.

Keka Simões – Qual era essa Banda?

Francisco Moreira – Era a São José.

Keka Simões – Banda São José?

Francisco Moreira – São José. Veio a terminar nos anos 1950.

Keka Simões – Onde era a sede dessa Banda São José?

Francisco Moreira – Acho que era ali, onde é a Pousada do Correa¹⁷⁸. Não tenho muita certeza, mas acho que era ali mesmo.

Keka Simões – E a sede da Banda União XV de Novembro...

Francisco Moreira – Era nas casas. Teve na Rua Alphonsus de Guimaraens... No final dos anos 1930, compraram aquela sede ali¹⁷⁹.

Keka Simões – Nos anos...

Francisco Moreira – Trinta. Trinta ou 40, não sei.

Keka Simões – Antes ensaiava nas casas?

Francisco Moreira – Tinha uma casa na Alphonsus de Guimaraens onde eles ensaiavam. Meus tios contavam. E meu avô dava aula na casa dele, no Rosário. Toda tardinha ele dava aula lá. Mesmo depois da Banda formada, ele continuou ensinando, porque aprendizagem é uma coisa contínua, não é? Uns chegam, ficam por um tempo... Ainda mais hoje em dia, a Banda tem que [inaudível] na aprendizagem, porque a orquestra de adolescentes aprende música... Pobre não tem... Serviço não tem... Vai trabalhar, não tem... Então não tem condições de continuar na Banda. A Banda dá um apoio, o que ela tem sempre que fazer.

Keka Simões – Tem que estar sempre tendo aulas, não é?

¹⁷⁷ Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

¹⁷⁸ Solar dos Correa, localizado na Rua Josafá Macedo, 70, centro.

¹⁷⁹ Localizada na Rua Direita, 151.

Francisco Moreira – Aulas.

Keka Simões – Qual é a razão para o nome da Banda?

Francisco Moreira – É por causa da data de 15 de novembro¹⁸⁰, não é?

Keka Simões – Eles resolveram...

Francisco Moreira – Fazer.

Keka Simões – [inaudível] Seu avô pediu um tempo para formar essa Banda e para entrar nessa Banda...

Francisco Moreira – Só gente da Direita.

Keka Simões – Só gente da Direita?

Francisco Moreira – Da Direita. Da Esquerda não entrava. Era só Direita, até no tempo de 1950.

Keka Simões – E hoje?

Francisco Moreira – Ah, hoje acabou isso! Hoje entra qualquer pessoa.

Keka Simões – O senhor já falou que tinha que ser...

Francisco Moreira – Nos anos 1970 teve até uma espécie de rebelião na Banda – [deixa voltar]¹⁸¹ aqui. A Banda foi tocar fora e uns foram contra. Ela já tinha uns do outro partido que tentaram fazer uma chantagem, não sei, para a Banda não ir. Eu não ia tocar para a Esquerda [inaudível]... Aí a Banda foi... A Banda foi com quase metade dos músicos. Eu fui obrigado até a voltar, o tempo de viagem era pouco, senão a Banda não tinha condições de tocar fora. [inaudível] o médico falou que não podia, mas eu fui assim mesmo. O coração falou mais forte.

Keka Simões – Onde vocês foram tocar?

Francisco Moreira – Nós fomos tocar em Tarumirim¹⁸². Foi a pior crise da Banda, que eu achei, na época. Eu achei que a Banda fosse acabar.

Keka Simões – Por que um grupo não queria que fosse?

Francisco Moreira – É por causa da Esquerda, não é? Já tinha uma força grande da Esquerda lá dentro: aqueles doentes¹⁸³ mesmos fizeram um complô.

Keka Simões – Para não deixar a Banda ir.

Francisco Moreira – É. Mas a turma foi.

Keka Simões – Como se chama mesmo a cidade?

¹⁸⁰ Data comemorativa da Proclamação da República brasileira.

¹⁸¹ Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

¹⁸² Município de Minas Gerais.

¹⁸³ No sentido de radicais.

Francisco Moreira – Tarumirim. Nós fomos, tocamos lá.

Keka Simões – O senhor falou que, no início, tinha que ser do partido, não é?

Francisco Moreira – É.

Keka Simões – Mas nem todo mundo entrava na Banda. Como se dá a admissão na Banda? Como é isso...

Francisco Moreira – Hoje em dia não. Hoje em dia [sabendo]¹⁸⁴ música eu ensino qualquer pessoa. Estou lá o dia inteirinho para... Eu costuro, chega um menino: “Eu quero aprender música”. Eu nunca falei “não” para ninguém. Eu, graças a Deus... Aliás, eu não gosto de falar “não” por nada neste mundo – uma coisa que eu vou levar para a sepultura. Eu detesto! Eu sei que um “não” dói muito, não é? Você chega lá: “Ô, Seu Chiquinho! Faça o favor, dá um recado para mim”. “Ah, eu não posso fazer! Eu não sou seu empregado, eu não sou correio”. Isso choca a pessoa, não é? Então, às vezes, eu... Até o médico falou comigo: “Você devia aprender a falar ‘não’”. Eu não sei falar “não” com as pessoas. Se eu falo, é uma coisa assim... Eu não durmo de remorso. Eu acho que um “não” dói muito, não é?

Keka Simões – O senhor falou que quem chega, quem quer tocar na Banda... Geralmente quem chega é criança?

Francisco Moreira – É mais criança. Uns poucos adolescentes, poucas pessoas de idade [chegam]¹⁸⁵.

Keka Simões – Eles começam a aprender com o senhor?

Francisco Moreira – Eu ensino com o mesmo método do meu avô, que foi o melhor método.

Keka Simões – Como é esse método?

Francisco Moreira – É o Panseron, Auguste Panseron¹⁸⁶.

Keka Simões – Panseron?

Francisco Moreira – Ele é muito graduado, entendeu? A gente começa do zero e vai subindo uma escadinha bem leve. Esses outros métodos, geralmente, começam do leve; depois agridem, depois tornam a baixar.

Keka Simões – Então o senhor usa o mesmo método do seu avô?

¹⁸⁴ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

¹⁸⁵ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

¹⁸⁶ Método de aprendizado de instrumentos musicais.

Francisco Moreira – É como cantar também. Nem [inaudível] cantar, já dei aula em Ouro Preto, de música, de canto, tudo. Eu vejo professor de música... Não estou desfazendo, não... Eles se preocupam muito com boca redonda, boca assim, boca assim... No meu tempo – aprendi com o Padre Maia¹⁸⁷ quando eu era menino –, eu cantava sempre com a língua atrás do dente. Se não puser a língua assim, você não consegue forçar a voz. Então você sabe¹⁸⁸, entendeu? Se ficar com a língua para fora, você não consegue. Esse é o melhor método que tem.

Keka Simões – A música o senhor aprendeu com Padre Marcos?

Francisco Moreira – Não, eu cantava com o Padre Maia...

Keka Simões – Maia?

Francisco Moreira – Com [inaudível]. Eu cantava em tudo quanto havia. Eu estava a fim de estar em tudo.

Keka Simões – É, o senhor falou do coral do...

Francisco Moreira – Mestre Vicente.

Keka Simões – Mestre Vicente. O senhor sempre trabalhou com crianças ou adolescentes que querem tocar na Banda? O senhor sempre fez esse trabalho lá?

Francisco Moreira – Tem aluno meu... Soldados aprenderam comigo: três eram soldados, aprenderam e foram para a Banda de Barbacena¹⁸⁹. Tem um que aprendeu comigo e é maestro da Banda de Petrópolis¹⁹⁰, [inaudível]. O maestro da Banda Militar de Minas foi meu aluno, tocou na Banda também [inaudível] a Banda. Em Ouro Preto tem muito maestro que foi meu aluno: Nazaré¹⁹¹, Cidinho¹⁹², [inaudível] também, Cícero¹⁹³ que é o maestro da Banda... O vice-presidente, o maestro da Banda da Chácara é meu aluno. Eu tenho muita sorte com meus alunos. Ruim professor, bons os alunos; ruim mestre, bom de serviço.

Keka Simões – Todos esses outros que o senhor ensinou também acabaram trabalhando em outras Bandas? Ou trabalham?

¹⁸⁷ O entrevistado não mencionou o nome completo.

¹⁸⁸ Nesse momento, para exemplificar, o entrevistado solfeja.

¹⁸⁹ Banda do 9º Batalhão da Polícia Militar de Minas Gerais.

¹⁹⁰ Até o momento, não foi possível obter o nome da banda citada.

¹⁹¹ O entrevistado não mencionou o nome completo.

¹⁹² O entrevistado não mencionou o nome completo.

¹⁹³ O entrevistado não mencionou o nome completo.

Francisco Moreira – Tem um que aprendeu comigo aqui. Ele era chefe, era maestro da Banda do Atlético, da Charanga do Atlético¹⁹⁴.

Keka Simões – Ah, da Charanga?

Francisco Moreira – É. Ele chegou até [inaudível]. Uns tocam em orquestras; tem um que aprendeu comigo e dá aula no Conservatório. Eu dou muita sorte com meus alunos! Eu sou muito feliz!

Keka Simões – Mas para entrar na Banda União XV de Novembro... Está lá, está aprendendo a tocar e tal...

Francisco Moreira – Eu ensino solfejo, ensino tocar escala, ensino ouvir umas valsas, para eles tocarem uma música de sucesso, para entusiasmar, não é? Aí vão para a Banda e, no meio da turma, eles desenvolvem.

Keka Simões – Mas é o senhor que dá o “ok”? Fala: “Oh! Esse aí já pode ir para a Banda”?

Francisco Moreira – Eu falo, aí manda: “Esse menino pode subir”.

Keka Simões – Pode subir.

Francisco Moreira – É, pode subir. Na semana passada foram três moças: podem subir e ensaiar.

Keka Simões – Aí começa a ensaiar. Hoje e no início, quando o senhor começou a tocar, qual é a periodicidade do ensaio? Vocês ensaiam quantas vezes por dia, onde?

Francisco Moreira – Não, são duas horas. Geralmente terças, sextas e domingos, na parte da manhã.

Keka Simões – A Banda é mantida por quem? Como é isso?

Francisco Moreira – É por amor desse pessoal, como o Amadeu¹⁹⁵. Dessas pessoas que dedicam... Dona Hebe... Fazem tudo por amor. Eu também ensino, eu tenho prazer em ensinar. Eu tenho vontade que todo mundo faça igual a mim: faça da vida uma canção. [Porque]¹⁹⁶ problema não precisa correr. Se você for olhar problema, você fica [fria, não é]¹⁹⁷. Depara com as pessoas [inaudível] melhor de vida, tem sempre o pior, você tem sempre que viver a sua vida ali. Então vai fazendo, [inaudível] os problemas, que fica tudo bom, não é? [riso]

¹⁹⁴ Clube Atlético Mineiro.

¹⁹⁵ O entrevistado não mencionou o nome completo.

¹⁹⁶ Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

¹⁹⁷ Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

Keka Simões – Então as pessoas que estão na Banda estão porque gostam.

Francisco Moreira – Gostam. Não há gratificação nenhuma. A Banda dá uniforme, manda fazer, se tem algum... Às vezes, eu conserto alguma roupa para algum aluno [inaudível]. Mas ninguém é gratificado. Tudo é por amor.

Keka Simões – O senhor acha que, em Mariana, as pessoas têm um dom, uma inclinação especial para música, para tocar instrumento?

Francisco Moreira – Têm. O problema que está havendo é que as crianças, hoje em dia, estão muito carregadas¹⁹⁸. Até as aulas [inaudível] fracassar, eu sempre tinha entre 20, 30 alunos. Agora tenho cinco, seis, oito, 10; muito, são 10. Hoje em dia, as crianças têm internet, vôlei, judô, balé... Então a criança é muito comprometida. Eles estão tirando essas coisas da criança.

Keka Simões – Antes tinha muito mais aluno? O senhor já chegou a ter quantos alunos?

Francisco Moreira – Ah, já cheguei a ter uns... Em Ouro Preto, eu tinha uns 40 e aqui tinha uns trinta e tantos. Eu tive... É, foi assim.

Keka Simões – Em Ouro Preto, onde o senhor ensinava?

Francisco Moreira – Ali na Banda do [inaudível] do Bom Jesus¹⁹⁹.

Keka Simões – Banda de Bom Jesus?

Francisco Moreira – É. Dei aula lá uns 15 anos, quase 15 anos.

Keka Simões – Certo. E a Banda, então, ensaia às terças-feiras normalmente?

Francisco Moreira – Terça, sexta e domingo.

Keka Simões – Sempre foi...

Francisco Moreira – Sempre foi assim...

Keka Simões – Com essa frequência?

Francisco Moreira – Com essa frequência.

Keka Simões – Quando tem alguma apresentação especial, há um número maior de ensaios?

Francisco Moreira – Há, há. Ensaia-se mais. Agora estou ensaiando nas quartas-feiras, esse [inaudível].

Keka Simões – Quais são os cargos, as funções que uma banda tem que ter? Tem o maestro...

¹⁹⁸ Sobrecarregadas.

¹⁹⁹ O entrevistado não mencionou a qual das duas bandas se refere: Sociedade Musical Bom Jesus das Flores ou Sociedade Musical Bom Jesus de Matozinhos.

Francisco Moreira – O maestro. Tem o arquivista, tem o ajudante do maestro. E tem a diretoria: o Amadeu, que é um baluarte, a Dona Hebe, o que se chama Mário Lúcio²⁰⁰, aquela menina mãe de Rita²⁰¹ – como ela se chama? Esqueci o nome dela, mora no Morro Santana – e o [inaudível] Reis²⁰², tem o neto de Eli²⁰³, o filho de Eli que tocou na Banda.

Keka Simões – Essa diretoria é eleita?

Francisco Moreira – Eleita.

Keka Simões – E quem...

Francisco Moreira – [inaudível] de dois em dois anos. Os sócios elegem.

Keka Simões – Os sócios. Quem pode ser sócio de uma banda?

Francisco Moreira – Qualquer pessoa. Também não existe quantidade, o tanto que você puder dar para a Banda... Com esse dinheiro de sócio, eles compram uniformes, compram uma coisa e outra, porque é muita despesa. Uma paleta hoje em dia está a 15, 20 reais. Tem dia que um menino, um aprendiz pega a paleta e quebra a paleta. Não sabe colocar [inaudível], vai para a casa, quebra, não tem cuidado. Então, é uma despesa constante.

Keka Simões – Aproximadamente quantos sócios a Banda tem?

Francisco Moreira – Não tem muito, não. Eu acho que, pelo que a Banda faz na cidade, era para ter bem mais, entendeu? Agora [recebe]²⁰⁴ muito apoio da Vale, o Banco do Brasil²⁰⁵ já deu uniforme. Sempre tem um... Um instrumento... Saxofone, por exemplo, é um instrumento que você tem que ter todo cuidado. Ele está tocando; se eu esbarrar nele, se eu encostar uma chave mal encostada, eu estrago o instrumento: não sai som, outra hora desafina. É um instrumento melindroso o saxofone.

Keka Simões – Renovar os instrumentos da Banda é também com esse dinheiro dos sócios ou vocês...

Francisco Moreira – É com dinheiro dos sócios.

Keka Simões – Com dinheiro dos sócios.

Francisco Moreira – [inaudível]

²⁰⁰ O entrevistado não mencionou o nome completo.

²⁰¹ O entrevistado não mencionou o nome completo.

²⁰² O entrevistado não mencionou o nome completo.

²⁰³ O entrevistado não mencionou o nome completo.

²⁰⁴ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

²⁰⁵ Instituição bancária do Governo Federal.

Keka Simões – Certo. Antigamente a Banda tinha mais sócios do que hoje? O senhor acha que houve uma queda?

Francisco Moreira – Tinha, porque o povo era mais fanático na época da política brava, não é? Então ninguém queria... Aquela torcida ninguém... Agora acabou. Então... O Marianense, por exemplo, pagando ou não pagando, eu ia tocar no bloco, entendeu? A gente dava o preço, eles pechinchavam e pagavam. Não podia era ficar sem orquestra, entendeu? A gente, o coração falava mais alto. [inaudível]. [riso]

Keka Simões – E como é feita a formação de um maestro da Banda?

Francisco Moreira – O maestro nasce, não é? Eu acho que é assim: as pessoas, os líderes nascem. Nasce a pessoa que... Eu não nasci para ser maestro. Eu saí na Semana Santa [inaudível] adoeceu. Eu tomei até calmante com medo de cair na rua, de tão nervoso que eu ficava! Eu não nasci para... Eu gosto de tocar, de cantar. Agora, se me mandar falar para o povo, eu perco a voz toda assim... A pessoa nasce, não é? Igual ao Silvério Dutra. Ele foi meu aluno, ele e os filhos dele. Ele é maestro do Coral do Mestre Vicente, é gente que nasceu para aquele negócio, que tem aquele dom de ensinar, de mostrar que aquela coisa... Eu já não sei chamar a atenção das pessoas, eu já não tenho esse dom.

Keka Simões – O senhor acha que é um dom que cada um tem... Dentro da Banda, como se escolhe quem vai ser o maestro?

Francisco Moreira – Geralmente, a pessoa realça, tem aquela vontade. Então você já tem vontade de ser maestro, não é?

Keka Simões – E aí a indicação para ele se tornar é do maestro anterior?

Francisco Moreira – Não, porque maestro é uma coisa... É a diretoria que escolhe. Geralmente é um cargo de confiança.

Keka Simões – É a diretoria?

Francisco Moreira – É a diretoria.

Keka Simões – O senhor falou o nome de vários maestros, não é? Tem algum que o senhor se lembra mais ou que tinha alguma característica mais forte?

Francisco Moreira – Jorge Márcio²⁰⁶, por exemplo. Ele era teatral, porque ele era...

²⁰⁶ O entrevistado não mencionou o nome completo.

Keka Simões – Jorge?

Francisco Moreira – É pai... É tio de Dona Hebe.

Keka Simões – Tio de Dona... Jorge Márcio?

Francisco Moreira – É. Ele era teatral. Ele também fazia teatro, cantava muita coisa de teatro. Ele fazia aquelas coisas... Já tio Aníbal era mais assim, maestro mesmo: tio Aníbal tinha pose mesmo de maestro. Tio Joãozinho já era mais simples. Tio Niquinho já era mais teatral também, tipo Jorge Márcio.

Keka Simões – Que instrumentos são necessários para se formar uma banda?

Francisco Moreira – Geralmente, umas clarinetas... Sopro e a percussão. Clarinetas, pistons, baixo, [inaudível], sax horn, trombones. E tem um nível... Uma banda precisa de seis clarinetas e um saxofone mi-bemol. É o nível, não é? Dois baixos, um mi e um si; um primeiro e segundo piston, dois; primeiro e segundo trombone; primeiro e segundo bombardino; três saxes mi-bemol. É uma bandinha assim... É a base principal.

Keka Simões – Essa é a base?

Francisco Moreira – É a base.

Keka Simões – Existem diferenças, por exemplo... Sei lá, uma fanfarra é diferente?

Francisco Moreira – Ah! É diferente!

Keka Simões – Qual é a diferença?

Francisco Moreira – Geralmente, a fanfarra é mais música de instrumentos de sopro, não é? Uma clarineta na fanfarra não faz, não faz...²⁰⁷

Keka Simões – Não vai...

Francisco Moreira – A linha melódica da fanfarra – desculpe a expressão – é bagunça, não é? Bagunça assim, [inaudível] é mais uma coisa assim, quase uma cornetada. E banda é uma coisa sinfônica, harmonia exige mais.

Keka Simões – Exige mais. E entre as bandas... Aquela dos Fuzileiros Navais²⁰⁸, por exemplo: ela é diferente de uma banda como a União XV de Novembro?

Francisco Moreira – É porque são músicos graduados. Na cidade grande, tem apoio do governo, tem tudo, aí fica mais... Músico ganha, [inaudível]

²⁰⁷ Provavelmente, o entrevistado equivocou-se na explicação. Pelo sentido da frase, a fanfarra seria composta por mais instrumentos de percussão.

²⁰⁸ Banda Marcial do Corpo de Fuzileiros Navais.

profissionais. Igual ao meu aluno que está na Banda de Petrópolis, até [inaudível], já tem um salário bem alto, entendeu? Aí compensa você sair e se dedicar à música.

Keka Simões – Mas a banda, esse tipo de banda acaba tendo outros tipos de instrumentos ou é um número maior?

Francisco Moreira – Isso é o básico, isso é o feijão com arroz, não é? Mas pode vir também... Tem também o flautim, tem a requinta que... O flautim está na linha da clarineta. Ajuda, enfeita mais, mas não faz falta, entendeu? Não é necessário, mas tendo... Como na sua casa: tem um banco para sentar, mas se tiver um sofá, melhor ainda, não é?

Keka Simões – Entendi. A Banda XV de Novembro já mudou algum tipo de instrumento? Antes ela tocava algum outro instrumento que hoje não toca?

Francisco Moreira – Não. É a mesma coisa. Só o baixo “égua”, como a gente chamava... Não tinha o baixo-tubo, aquele grandão. Era um baixo “boca de égua”, como eles falam...

Keka Simões – “Boca de égua”?

Francisco Moreira – É. Na Banda, ainda tem um lá dependurado pelo pescoço. Agora tem esse grandão bonito [inaudível], só isso.

Keka Simões – Só isso mudou. Como se colocam os músicos na formação da Banda? Quem vai à frente, quem vai atrás e por quê?

Francisco Moreira – Ah, isso é o gosto do maestro!

Keka Simões – É o gosto do maestro.

Francisco Moreira – Do maestro. Antigamente eram dois baixos na frente e dois atrás; hoje, três clarinetas lá e dois saxofones. Aí depende do maestro.

Keka Simões – Não existe uma obrigatoriedade?

Francisco Moreira – Atualmente os calibres grossos vão atrás. Atualmente, não é?

Keka Simões – Calibre grosso?

Francisco Moreira – É, baixo, bombardino. E as clarinetas vêm à frente, hoje em dia.

Keka Simões – Mas isso também depende do maestro?

Francisco Moreira – Do maestro.

Keka Simões – O senhor já me contou várias ocasiões em que a Banda tocava na cidade. Semana Santa...

Francisco Moreira – Semana... Até agora [inaudível] tocou tudo, não é?

Keka Simões – Tocou... Sempre estava tocando?

Francisco Moreira – Festiva e religiosa. Na política também. Agora foi que parou, não é?

Keka Simões – Na política tocava também?

Francisco Moreira – Agora parou. [risos]

Keka Simões – Além de não tocar mais na política, houve alguma modificação na Banda ao longo do tempo?

Francisco Moreira – Houve. Antigamente eram homens, só; agora entraram as mulheres, moças. Modificou também... Qualquer pessoa pode entrar, não sendo da política, sendo católico ou não sendo. Antigamente era mais... O povo era mais radical, cada um na sua. Então era mais difícil.

Keka Simões – Em termos de eventos, de ocasiões em que a Banda tocava, tem diferença para hoje? Diminuiu, aumentou? Algum tipo de evento hoje não tem mais?

Francisco Moreira – Antigamente, a Banda era muito sinfônica. [Antes elas]²⁰⁹ tocavam. Uma vez, nós fomos a uma festa em Viçosa²¹⁰ com sete, oito peças de harmonia: **Primeiro Regimento**²¹¹, **Cavalaria Ligeira**²¹², **Guarani, sinfonia do Guarani**²¹³, **Tosca**²¹⁴... Tocava muitas peças. Hoje em dia é mais... Acho que a criança hoje não tem tempo para estudar. A gente se dedicava: levava para casa, estudava, quebrava a cabeça [inaudível] da gente. **O Poeta e o Camponês**²¹⁵... Marcha festiva também. Agora simplificaram um pouquinho as melodias. Isso foi devido ao fracasso dos músicos, fracasso assim: falta de tempo para estudar, entendeu? Porque aquela coisa... Antigamente pouca gente estudava... Pobre, por exemplo, não estudava. No meu tempo de menino, quem ia para o Ginásio, para o Colégio, era só filhinho de papai. Depois abriu para Ginásio, melhorou um pouquinho. No princípio tinha que ter roupa e a gente, que andava descalço na rua, não tinha condições de estudar, comprar livros, essas coisas.

²⁰⁹ Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

²¹⁰ Município de Minas Gerais.

²¹¹ Dobrado tradicional executado por quase todas as bandas de música existentes à época.

²¹² Peça musical do compositor Franz von Suppé.

²¹³ O entrevistado refere-se à protofonia da ópera **O Guarani**, do compositor Carlos Gomes.

²¹⁴ Ópera do compositor Puccini.

²¹⁵ Peça musical do compositor Franz von Suppé.

Keka Simões – Então antigamente as peças eram peças mais...

Francisco Moreira – Pesadas.

Keka Simões –... elaboradas...

Francisco Moreira – É pesada, música pesada...

Keka Simões –... do que hoje?

Francisco Moreira – É.

Keka Simões – O senhor se lembra de alguma música ou de alguma peça que fazia muito sucesso, que as pessoas aplaudiam mais, gostavam mais de ouvir?

Francisco Moreira – A sinfonia do **Guarani, O Poeta e o Camponês** que [inaudível] saxofone.

Keka Simões – Essa última, eu não entendi como se chama.

Francisco Moreira – **O Poeta e o Camponês**.

Keka Simões – **O Poeta e o Camponês?**

Francisco Moreira – É. [inaudível] muito bonita. Era muito aplaudida. Tinha uma marcha, uma peça também. [E a Sina]²¹⁶...

Keka Simões – [E a Sina]²¹⁷?

Francisco Moreira – É. Muito bonita, uma música baiana...

Keka Simões – Que fazia sucesso.

Francisco Moreira – Fazia sucesso. **La Cumparsita**²¹⁸...

Keka Simões – E hoje?

Francisco Moreira – Hoje o povo está bem diferente, não é? Até música... Você vê, essas músicas do ano passado ficaram; essas de hoje não ficam mais. Você vê hoje... Eu sempre toco muito em festinha até hoje, entendeu? A gente ensaia essas músicas novas, chega na hora... Domingo eu fui tocar no aniversário de uma senhora que fez 79 anos: “Ah, vamos tocar umas músicas novas!” Nós ficamos ensaiando umas duas horas lá em casa, eu e meu colega. Fui chegando, tinha um [padre]²¹⁹ lá: “Toca **Professorinha**²²⁰”. “Toca **Boemia**²²¹”. “Toca **Carinhoso**²²²”. Então assim, por exemplo... Essas músicas ficaram e essas novas não estão ficando. Eu não sei o que está havendo. O

²¹⁶ Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

²¹⁷ Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

²¹⁸ Composição de Pascual Contursí, Enrique Pedro Maroni e Gerardo Héran Matos Rodríguez.

²¹⁹ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

²²⁰ Como é mais conhecida a música **Pequeno Mirai**, do compositor Lupicínio Rodrigues.

²²¹ Composição de Ademir Moreira.

²²² Composição de Pixinguinha.

povo... Eu não sei se toca muito. Essas [inaudível]... Por exemplo, se amanhã chegar tocando **Carinhoso**, você sabe; se for tocar uma música de uma novela que passou, você não sabe. Eu não sei se o povo... O que está havendo hoje em dia... Essas músicas não estão ficando mais. Agora se perdeu muito a riqueza das músicas, não é?

Keka Simões – No caso da Banda, há também de seguir mais ou menos uma moda ou tipo de música?

Francisco Moreira – Cada banda tem seu estilo. Na Chácara a trilha é mais para popular. Na União já são mais antigas, umas marchinhas mais antigas, toca dobrado.

Keka Simões – Certo. E hoje tem a Banda da Chácara...?

Francisco Moreira – A da Colina²²³ e a União.

Keka Simões – E a União. E em termos de distritos de Mariana?

Francisco Moreira – Passagem está ganhando. Tem duas: São Sebastião e Santa Cecília. Sumidouro²²⁴ tem. Furquim, Monsenhor Horta²²⁵, Ribeirão²²⁶, Cláudio Manoel²²⁷, Cachoeira do Campo²²⁸, Brumado²²⁹, todos têm banda.

Keka Simões – Praticamente quase todos os distritos têm uma banda?

Francisco Moreira – A Prefeitura está mandando professores para fora também, está ajudando bastante, entendeu? Dá muito apoio. O Celso²³⁰ tem feito um trabalho muito bonito com esse...

Keka Simões – Ah, para aprender fora?

Francisco Moreira – Mesmo aqui em Mariana. Muitos professores contratados pela Prefeitura dão aulas de canto, principalmente.

Keka Simões – Nos distritos...

Francisco Moreira – Nos distritos.

Keka Simões – Então tem bastante banda hoje, não é?

Francisco Moreira – Tem bastante banda.

Keka Simões – Pelo que o senhor falou, a XV de Novembro é a que mantém um repertório mais tradicional, vamos dizer?

²²³ Bairro de Mariana.

²²⁴ Sumidouro é o antigo nome de Padre Viegas, distrito de Mariana.

²²⁵ Distrito de Mariana.

²²⁶ Ribeirão do Carmo, distrito de Mariana.

²²⁷ Distrito de Mariana.

²²⁸ Distrito de Ouro Preto.

²²⁹ Cachoeira do Brumado, distrito de Mariana.

²³⁰ Celso Cota, então Prefeito de Mariana.

Francisco Moreira – A XV e a Santa Cecília, em Passagem, são as mais antigas. As demais têm músicas mais populares que, às vezes, até agradam mais, porque uns gostam. Agora música é difícil, não é? Eu sei que eu toco sempre assim, quando... Eu vou muito à praia. Uma vez, eu fui tocar em Guarapari²³¹, até mais pessoas de idade, entendeu? Quando assustei, estava cheia a praça lá, só [tipo]²³² **Carinhoso, Caminhemos**²³³, essas músicas. Até a juventude gostava, viu? Até espantei!

Keka Simões – Lá em Guarapari?

Francisco Moreira – É. Eu sempre vou tocar lá.

Keka Simões – Aqui, quais eram os locais onde a Banda XV de Novembro mais tocava?

Francisco Moreira – Era na praça do Jardim.

Keka Simões – Era comum a Banda tocar, vamos supor, aos domingos? Ela tocava [inaudível]?

Francisco Moreira – É, porque antigamente tinha muita festa, não é? Muita procissão, muita... Coroação eles tocavam. Uma família convidava para tocar, eles tocavam. Os congados, Festa do Divino... Sempre tinha festa e eles tocavam.

Keka Simões – Com a diminuição dessas festas, a Banda se apresenta menos?

Francisco Moreira – Não. Hoje, a União ainda se apresenta bastante em vista... Não é como era, mas é bastante ainda. Igual à viagem: aumentou agora; antigamente viajar era difícil. Falava-se que ia viajar, a gente ficava doida, não é? Agora acabou, nem liga! Até de caminhão você vai viajar por causa do... Agora não. Nem liga, porque todo mundo viaja, as coisas facilitaram muito, tem carro. Você tem carro, não é?

Keka Simões – A Banda se apresenta em mais cidades?

Francisco Moreira – Mais cidades. Não! Apresentava-se muito. Só que o povo não tem aquele entusiasmo que a gente tinha. Por exemplo: “Vai [inaudível] em Ouro Preto”. A gente ficava doida! Só de falar que ia a Ouro Preto...! Porque

²³¹ Município do Espírito Santo.

²³² Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

²³³ Composição de Helvécio Martins.

antigamente só tinha trem, não é? Você saía daqui às cinco horas da manhã para chegar às sete e meia da manhã em Ouro Preto.

Keka Simões – Para tocar.

Francisco Moreira – Não, para viajar!

Keka Simões – Para viajar?

Francisco Moreira – É. Tocar era a mesma coisa também. Ou então ia de caminhão. Nós íamos tocar no Carnaval: íamos de caminhão daqui a Ouro Preto, na carroceria, aqueles moleques todos dentro do caminhão.

Keka Simões – De trem, o senhor viajou alguma vez com a Banda?

Francisco Moreira – Viajei muito.

Keka Simões – É? O senhor se lembra de alguma viagem? Como era?

Francisco Moreira – Tarumirim. Tarumirim não. Para Caeté²³⁴ eu fui duas vezes. Belo Horizonte, Itabira²³⁵, tudo de trem.

Keka Simões – E aí vocês iam tocando [inaudível]?

Francisco Moreira – Alto Maranhão²³⁶... Na viagem, nós quebrávamos o pau! [inaudível]... Lá em casa mesmo, tocando [inaudível] dá um tiro em mim. Eu acordo cedo, moro sozinho, faço tudo em casa, [pobre, sabe como é que é]²³⁷. Faço almoço, já adianto o meu almoço, pego o saxofone e toco até cansar [inaudível].

Keka Simões – No trem o senhor também tocava? Todo mundo tocava?

Francisco Moreira – Tocava. Eu e meu primo, então, nós éramos viciados!

Keka Simões – Os passageiros gostavam ou achavam ruim?

Francisco Moreira – Gostavam, oh! Às vezes, até hoje, quando eu viajo assim... Eu vou para Aparecida²³⁸, agora no dia primeiro²³⁹. “Ah, vem tocar aqui!” O pessoal de Santa Catarina... Até [inaudível] neste ano eles estiveram aqui no Colégio. Eu toquei lá para eles. Mas toda vez, quando eles vão, eles telefonam para mim: “Vai vir, nós vamos tocar aqui”.

Keka Simões – Para cada tipo de apresentação da Banda o repertório é diferenciado?

²³⁴ Município de Minas Gerais.

²³⁵ Município de Minas Gerais.

²³⁶ Distrito de Congonhas do Campo, município de Minas Gerais.

²³⁷ Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

²³⁸ Aparecida do Norte, município de São Paulo, onde se localiza o principal santuário brasileiro de devoção a Nossa Senhora Aparecida.

²³⁹ Provavelmente, dia 1º de novembro de 2006.

Francisco Moreira – Semana Santa, por exemplo, tem as marchas festivas e as fúnebres para poder... Sexta-feira da Paixão, Sábado Santo e... Na Procissão do Senhor dos Passos²⁴⁰, por exemplo, descia com marcha festiva da Sé para o Seminário, para Nossa Senhora das Dores²⁴¹ – acho que eles cortaram essa procissão. Essa é a marcha fúnebre. E tinha Sexta-feira da Paixão que era marcha fúnebre também. O resto era música alegre.

Keka Simões – Na política, antigamente, que música vocês tocavam?

Francisco Moreira – Dobrado, marchinha. Umas eles inventavam [inaudível], o povo cantava também, a Banda tocando e o povo atrás cantando. Tinha letra que, para falar agora, pode ofender algumas pessoas. É chato, mas eram umas letras meio pesadas.

Keka Simões – Um as letras pesadas?

Francisco Moreira – Eles [inaudível] uma coisa com você, se a família que... [ela]²⁴² quebrou o braço. Aí você inventa a música e põe lá: “Fulano viajou e quebrou o braço”. Tipo gozação, sabe? O povo antes tinha tempo.

Keka Simões – Ficava pensando nisso. E o uniforme da Banda sempre foi do jeito que é hoje?

Francisco Moreira – Não, eram três uniformes: tinha branco; tinha um de duas cores, cinza claro e escuro; tinha um azul-marinho. Depois teve um grená e azul-marinho. Nessa matéria, a Banda agora está mais pobre.

Keka Simões – Nessa época dos três uniformes, o branco, o...

Francisco Moreira – O azul-marinho e depois fizeram o cinza.

Keka Simões – Era para alguma ocasião especial: usava-se um ou outro?

Francisco Moreira – É, em [determinadas]²⁴³ ocasiões você ia vestido de branco.

Keka Simões – Em qual?

Francisco Moreira – Domingo da Ressurreição²⁴⁴, [Triunfo]²⁴⁵. A Aleluia²⁴⁶, antigamente, rebentava no sábado às 11 horas²⁴⁷. Aí tinha aquela festa! Ia lá

²⁴⁰ Procissão que ocorre na Semana Santa e que reverencia os Passos da Paixão de Cristo.

²⁴¹ Provavelmente está se referindo à Capela de Nossa Senhora da Boa Morte, do Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte.

²⁴² Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

²⁴³ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

²⁴⁴ Evento religioso relacionado com a Semana Santa.

²⁴⁵ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

²⁴⁶ Evento religioso relacionado com a Semana Santa.

²⁴⁷ Vinte e três horas.

para Nossa Senhora das Dores e saía todo mundo de branco. A Banda toda de branquinho também: a Banda, as moças do Colégio e os seminaristas. Era muito bonito!

Keka Simões – Então, olha que bacana! E nas outras ocasiões era com outro uniforme.

Francisco Moreira – Na Ressurreição era de branco também. A de São Sebastião²⁴⁸ era de azul-marinho; a de Senhor dos Passos, azul-marinho.

Keka Simões – Olha! Interessante isso, não é? O senhor já contou o caso da apresentação no teatro, não é? Aquele caso engraçado...

Francisco Moreira – Na Banda também tinha muito teatro.

Keka Simões – Na Banda?

Francisco Moreira – Tinha teatro também. O Senhor [Jorge Márcio]²⁴⁹ tinha uma trupe lá: chamava-se Trupe das Águias.

Keka Simões – Como era isso?

Francisco Moreira – Era ele com a família dele: Marlene²⁵⁰, Ivete²⁵¹, Dona Hebe, a mulher dele, [inaudível], tudo artista aí.

Keka Simões – Aí fazia a apresentação da Banda?

Francisco Moreira – Não, teatro assim...

Keka Simões – Em teatro?

Francisco Moreira – Em teatro. Tinha um palco lá. Toda casa fazia no... Sempre nas ruas também tinha teatro, entendeu? No Natal assim...

Keka Simões – Ah, no meio da rua?

Francisco Moreira – Fazia no meio da rua, fazia...

Keka Simões – Olha, que interessante!

Francisco Moreira – Era engraçado. “Tem teatro lá no Barro Preto”. “Tem teatro no Rosário”. [inaudível]

Keka Simões – O senhor se lembra de algum caso, engraçado ou triste, relacionado com a Banda? O senhor já contou do dia em que a água caiu quando o senhor estava só pintado da barriga para cima...

Francisco Moreira – Não, isso não foi na Banda. Foi no teatro.

²⁴⁸ No dia 20 de janeiro, comemora-se o dia de São Sebastião.

²⁴⁹ Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

²⁵⁰ O entrevistado não mencionou o nome completo.

²⁵¹ O entrevistado não mencionou o nome completo.

Keka Simões – Pois é, esse, no teatro. E na Banda, já aconteceu alguma coisa assim que o senhor lembra?

Francisco Moreira – Ah, muita coisa interessante não! [riso] Uma vez, meu primo estava tocando e soltaram foguete aqui. O foguete caiu na mão dele assim! [inaudível] Barro Preto aqueles foguetes de vara. Deu esse problema também e deu para assustar um bocado! É muita coisa assim, muita coisa assim... A gente vai esquecendo.

Keka Simões – Em sua opinião, o que uma banda de música representa para uma cidade?

Francisco Moreira – Acho que é quase um cartão postal. É uma coisa que sempre ambienta as festas, não é? Uma festa sem banda fica vazia, [inaudível].

Keka Simões – Fica mesmo.

Francisco Moreira – Não fica?

Jason Santa Rosa – Tem uma frase assim, que é: festa sem Banda...

Francisco Moreira – Não é festa, não é?

Jason Santa Rosa – Sem fogo de artifício e sem sino...

Francisco Moreira – Não é festa, não é?

Keka Simões – Não é festa.

Francisco Moreira – Igual a casamento, antigamente. Primeiro, tocava no casamento, depois tocava no baile. Quase toda casa tinha baile de casamento. Os doces... Tudo era mamão, eles ralavam mamão, pé de mamão... Não era mamão, não. E tingia os doces todos de cor – de anilina ou então de papel de seda – e fazia aquela mesa do tamanho [dessa prancheta]²⁵². Tudo de doce, mas cada pedaço era uma cor, entendeu? Mas tudo de um gosto só. Aí a mesa estava farta, [riso] só doce de mamão. Só variava o açúcar e a rapadura: o açúcar preto, como eles falavam, e o açúcar branco. Mas o sabor era o mesmo! [risos]

Keka Simões – O sabor era o mesmo, não é? Mas a Banda tocava em cerimônia de casamento?

Francisco Moreira – Não. Só uma ou outra pessoa tocava.

Keka Simões – Uma ou outra pessoa?

²⁵² Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

Francisco Moreira – É, uma ou outra.

Keka Simões – É? Pessoas assim mais...

Francisco Moreira – É. Não. Até pessoas da Banda pediam.

Keka Simões – E como era? Vocês iam antes da noiva?

Francisco Moreira – Não, a gente tocava e depois ia para a casa da noiva e tocava...

Keka Simões – Tocava na igreja...

Francisco Moreira – Não tinha cerveja, era vinho. [inaudível] fazia em casa. Ou então licor de papel de seda.

Keka Simões – Licor de papel de seda! Ah! Punha o papel de seda para colorir?

Francisco Moreira – Para colorir. Tinha licor verde, amarelo, cor de rosa, toda cor! [risos] Mas o gosto era o mesmo também! Meu tio falava que [a barriga]²⁵³ às vezes era azul, saía vermelho ou cor de rosa! [risos]

Keka Simões – O senhor já falou de várias atividades que faz com a música: toca na Banda, toca em bailes, toca em festa e tal. Em alguma outra atividade o senhor trabalha com a questão da música ou do canto, aqui na cidade?

Francisco Moreira – Eu sou Vicentino, trabalho para São Vicente. Já fui secretário, já fui... E até hoje nas reuniões... Umas 70 famílias são atendidas com cestas, remédio... O povo pede, a gente vai... Todo mês vai de casa em casa. Eu, por exemplo, vou a 80 casas todo mês. Semana que vem eu começo. Um dá um quilo de arroz, outro dá cinco, aí faz aquela cesta... Vai ajuntando e, depois, a gente ajunta com todo mundo, faz a cesta e reparte.

Keka Simões – Além da Sociedade São Vicente de Paula, o senhor me falou que faz um trabalho na APAE²⁵⁴.

Francisco Moreira – Na APAE é o coral. [Ele cantou esses dias]²⁵⁵, eles gostaram muito.

Keka Simões – É? Há quanto tempo o senhor trabalha com esse coral da APAE?

Francisco Moreira – Não, eu ajudo de vez em quando a Irmã Conceição²⁵⁶. Agora, como ela foi homenageada pelo Coral do Mestre Vicente, a Graça²⁵⁷ me

²⁵³ Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

²⁵⁴ Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais.

²⁵⁵ Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

pediu para que ensaiasse um corinho para cantar para ela. Ensaiei as crianças e elas cantaram. Esses meninos vão cantar agora dia 25²⁵⁸, não sei onde ela falou.

Keka Simões – Então o senhor está ensinando essas crianças?

Francisco Moreira – Ensinando umas musiquinhas para elas.

Keka Simões – Existe dificuldade para ensinar uma criança que tem algum tipo de deficiência? O que o senhor acha dessa sua experiência de tantos anos?

Francisco Moreira – Você tem que fazer com carinho, não é? Porque as pessoas que... Eles são muito afetivos. Você chega, eles batem palmas; uma, que é cega, vem me abraçar, entendeu? É que nem [inaudível] da gente, a gente fica feliz, não é?

Keka Simões – Que bacana! Agora, em relação à cidade de Mariana, quais são as mudanças mais marcantes que o senhor percebe?

Francisco Moreira – Eu acho que a mais marcante, que está vindo com a juventude, é esse desrespeito. A gente respeitava muito as pessoas e não há respeito mais. Começa nas próprias casas, não é?

Keka Simões – O senhor falou que já viajou muito de trem, indo com a Banda tocar em outros lugares. O trem era o veículo...

Francisco Moreira – Até no trem tinha divisão: tinha carro de segunda e de primeira²⁵⁹. A gente só viajava no de segunda.

Keka Simões – A Banda viajava no de segunda?

Francisco Moreira – É, porque no carro de primeira era sofá assim. Sofá não. Tipo essa aqui²⁶⁰, não é? Mais macio para sentar. Mas, às vezes, [inaudível] nele, era de carro de segunda.

Keka Simões – Aí vocês iam no carro de segunda?

Francisco Moreira – De segunda. E era mais perto da máquina, aí entrava aquela fumaçada! Chegava cheio de fumaça! [risos]

Keka Simões – Além de viajar com a Banda, qual outra lembrança o senhor tem da Estação ou do trem? O pai do senhor foi manobreiro...

²⁵⁶ O entrevistado não mencionou o nome completo.

²⁵⁷ O entrevistado não mencionou o nome completo.

²⁵⁸ Provavelmente, dia 25 de outubro de 2006.

²⁵⁹ De primeira e segunda classes.

²⁶⁰ Refere-se à cadeira em que estava sentado.

Francisco Moreira – Foi.

Keka Simões – Alguma lembrança de sua relação com o trem ou de uma viagem o senhor gostaria de contar para a gente?

Francisco Moreira – A Central tinha manobra a noite toda. Aquela barulhada! Se você morasse aqui perto, você não dormia à noite! O trem chegava, tinha manobra a noite toda! Tinha cargueiro, tinha o destacamento²⁶¹... Também trabalhava muita gente ali. Era...

Keka Simões – Tinha muito barulho?

Francisco Moreira – Barulho.

Keka Simões – A casa onde o senhor morou aqui, que seu pai deixou para vocês...

Francisco Moreira – Meu pai não. Meu cunhado. Meu pai não deixou nada.

Keka Simões – Seu cunhado. Faz parte das casas que eram da Rede²⁶² ou não?

Francisco Moreira – Não. Ele fez... Tinha uma casa na Wenceslau²⁶³. Meu cunhado fez lá no fundo para cá²⁶⁴.

Keka Simões – Ah, dando para cá?

Francisco Moreira – Para cá. Era junto com a casa de Maurício²⁶⁵ e a casa do meio ali, a primeira era do [inaudível], dormitório que ele fez ali. Mas a do meu pai não ficou para nós, ficou para a madrasta.

Keka Simões – Certo.

Francisco Moreira – Ele tinha um lote que tinha uma casa embaixo, mas deu para minha irmã, para os filhos da minha irmã. E a casa de cima que era... Acho que caiu, não sei. Vendeu o lote, era só para elas.

Keka Simões – A Banda tocava aqui, na Estação?

Francisco Moreira – Tocava.

Keka Simões – Quando a Banda tocava aqui?

Francisco Moreira – Geralmente quando tinha festa, quando vinha uma autoridade de fora... Sempre vinha. Eu lembro que Juscelino²⁶⁶ veio aqui, eu

²⁶¹ Grupo de funcionários destacados para as atividades de cada turno.

²⁶² Rede Ferroviária Federal S/A.

²⁶³ Rua Wenceslau Brás.

²⁶⁴ A casa dava fundos para o pátio da Estação Ferroviária de Mariana, onde estava sendo gravada a entrevista.

²⁶⁵ O entrevistado não mencionou o nome completo.

lembro que nós tocamos. Eu era menino nessa época. Na inauguração tocou também...

Keka Simões – Na inauguração da...

Francisco Moreira – Da Estação, em 1914, quando teve aquela mortandade que eu falei para a senhora. E sempre tocava em festinha.

Keka Simões – Autoridade o senhor se lembra do Juscelino chegando aqui.

Francisco Moreira – É, Juscelino. Depois, quando Dom Helvécio²⁶⁷ esteve aqui, a Banda tocou também. Dom Helvécio era Bispo, Arcebispo.

Keka Simões – O senhor me falou da inauguração, quando teve uma mortandade. Como foi isso?

Francisco Moreira – O pessoal de Ouro Preto – isso eles contavam – tinha aquela política brava, não queriam que a Central viesse para aqui. Aí os estudantes, em protesto, deitaram-se na linha...

Keka Simões – Os estudantes de Ouro Preto?

Francisco Moreira – De Ouro Preto. Aí o [inaudível] mandou que passasse por cima. E passou mesmo!

Keka Simões – É mesmo?

Francisco Moreira – Ninguém correu. Morreu muita gente.

Keka Simões – Quem contava isso para o senhor?

Francisco Moreira – Mestre Vicente, meus tios contavam, [inaudível]. Contavam que tinha pilhas de gente sem braço, sem cabeça... Deitaram-se e não se levantaram. Morreram, mas não...

Jason Santa Rosa – Quando?

Keka Simões – Na inauguração, em 1914.

Francisco Moreira – Foi uma coisa horrorosa! [Na Rua da Olaria]²⁶⁸, onde [inaudível] assim, fundaram um hospital. Tinha pilha de defuntos, de tanta gente assim!

Keka Simões – Nossa Senhora! Eu não sabia desse caso!

Francisco Moreira – Era uma coisa horrorosa! Até aqui na cidade... Menino da Chácara, por exemplo, se viesse no Barro Preto, eles batiam nele lá.

²⁶⁶ Juscelino Kubitschek de Oliveira foi Governador de Estado de Minas Gerais (1951-1955) e Presidente da República (1956-1960).

²⁶⁷ Dom Helvécio Gomes de Oliveira tornou-se Arcebispo da Arquidiocese de Mariana em 1922. Faleceu em Mariana, em 1961.

²⁶⁸ Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

Keka Simões – Como é? Explica de novo.

Francisco Moreira – Saiu da Chácara, veio para a rua. Se fosse ao Barro Preto, a turma do Barro Preto batia nele.

Keka Simões – Ah, batia...

Francisco Moreira – Vice e versa, não é? A Chácara era respeitada, todo mundo tinha medo da Chácara!

Keka Simões – Tinha então muita rivalidade na cidade?

Francisco Moreira – Rivalidade.

Keka Simões – Não eram só Direita e Esquerda, não?

Francisco Moreira – Tinha o batuque da Chácara que tocava: “Ô lá na Chácara pegou fogo, pegou, pegou deixa pegar, oi. Até na Serra eu vou contigo, do alto para lá não tem perigo”.²⁶⁹ Quando saía o batuque, todo mundo ficava quieto; se viesse, o couro andava! Tinha só sujeito muito valente! Aquele povo não tinha medo, não!

Keka Simões – O povo da Chácara...

Francisco Moreira – Da Chácara. Era valente e era respeitado também.

Keka Simões – Quando o batuque da Chácara descia, descia em qualquer dia ou...

Francisco Moreira – Descia mais no Carnaval, não é?

Keka Simões – No Carnaval.

Francisco Moreira – Todo mundo respeitava, [inaudível] o pau comia!

Keka Simões – Esse Carnaval era animado! Você tinha que ficar vigiando todo mundo para não apanhar! [risos] Senhor Chiquinho...

Francisco Moreira – De menino também era assim. Os grupos todos tinham medo desse pessoal da Chácara.

Jason Santa Rosa – [inaudível]

Keka Simões – Oi?

Jason Santa Rosa – [inaudível]

Keka Simões – Pergunta para ele.

Jason Santa Rosa – Tocava em congado?

Francisco Moreira – Congado não.

Keka Simões – Aqui tinha um congado do Rosário que era...

²⁶⁹ O entrevistado canta o trecho transcrito.

Francisco Moreira – É, o Congado do Rosário. Eu era menino na época em que ele acabou.

Keka Simões – Ele acabou e não tocou mais. Eder, você quer perguntar alguma coisa?²⁷⁰ Jason?

Jason Santa Rosa – Eu queria entender o que era Direita e Esquerda.

Francisco Moreira – É como partido, é política, é como você ser Lula ou Alckmin²⁷¹. Se você fosse de um, você não podia nem ver a turma do outro e vice-versa, não é? Era isso. Ver o capeta era preferível... Até pai... Por exemplo, se você namorasse uma menina e se sua mãe descobrisse que era da Esquerda, ela não deixava você namorar.

Jason Santa Rosa – Mas o que era uma pessoa de Esquerda?

Francisco Moreira – Era do partido de Lula, por exemplo. Então você não podia nem olhar para ela.

Keka Simões – Mas em termos de propostas...

Francisco Moreira – O [inaudível] você é da Direita, por exemplo, se fosse [no Marianense dançar]²⁷² você...

Jason Santa Rosa – E uma banda que fosse da Esquerda e uma banda que fosse da Direita?

Francisco Moreira – Vice e... Mesma coisa.

Jason Santa Rosa – É?

Francisco Moreira – Era inimiga. Você tem música.

Jason Santa Rosa – Mas não era comportamento? Era política?

Francisco Moreira – No começo tinha aquela política entre os músicos também. Até na Passagem tinha também. Agora acabou. As bandas agora tocam juntas. Mas não tocavam juntas; senão dava briga. E aqui perto... Carnaval, por exemplo, ninguém queria, em geral... Isso eu lembro. Estou lembrando... Foi em 1968. Albano²⁷³ era presidente do Marianense e Ediraldo²⁷⁴ era um delegado militar que chegou e falou que às quatro horas em ponto tinha que acabar o baile na quarta-feira... Tinha que tocar até quando o povo estivesse aceso, não é? Já estava morto de tocar, às vezes até

²⁷⁰ O monitor indica com um gesto que não tem perguntas.

²⁷¹ Luis Inácio Lula da Silva e Geraldo Alckmin, candidatos à Presidência da República, na eleição ocorrida em 2006.

²⁷² Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

²⁷³ O entrevistado não mencionou o nome completo.

²⁷⁴ O entrevistado não mencionou o nome completo.

sangrava... E ele decretou que às quatro horas em ponto... Aí Albano falou que não parava às quatro horas. Ele até era meio parente de [inaudível]. Sei que Albano falou: “Nós não vamos parar”. Aí a turma falou: “Ah, não? Então vocês dois da orquestra, vocês vão tocar então”. Eu garanto [inaudível]. Cinco para as quatro chegou o Albano lá fora, sentado. E eu tocando lá. Era aquela música: “O cachorrinho do Lalau”.²⁷⁵ Quando olhei para a porta, chegou o Ediraldo com quatro soldados. Olhou para o relógio. Eu fiquei meio [inaudível]: “E agora?” Eu sei que foram chegando quatro horas, foi chegando perto de mim e mão na mão de Albano assim, Albano pegou o [inaudível] e começou a correr [inaudível] e o pau quebrou! Menina! Mas foi cadeirada, foi uma confusão! O povo meio tonto já... E antigamente o povo ficava tonto com cachaça; agora, fica com cerveja, essas coisas. Mas era pinga antigamente, não é? Eu não esqueço essa música até hoje: “O cachorrinho do Lalau, quando ele...”²⁷⁶ Aí ele [inaudível] assim...

Keka Simões – O senhor sabe o porquê destes apelidos: Piolho e Percevejo?

Francisco Moreira – Esses são bem antigos já.

Keka Simões – Pois é. O senhor não sabe por que era um ou outro?

Francisco Moreira – Não. Tinha até uma música que a Banda tocava e o povo cantava: “Sentido, sentido! Aperta o passo, piolhada! Sentido...”²⁷⁷ Todo mundo cantava, era muita gente, o povo ajudava, não tinha medo.

Keka Simões – Como é a música toda, o senhor lembra?

Francisco Moreira – Ah, eu tenho a letra até hoje lá em casa! Ah, eu tenho muita música antiga, mas mexe com os outros! É chato.

Keka Simões – Mas essa da piolhada aí, uai! Não fala nome de ninguém!

Francisco Moreira – Não, na outra parte fala. [inaudível]. [risos]

Keka Simões – Fala, não é? [risos]

Jason Santa Rosa – O senhor se lembra de alguma marchinha que falava da Direita e da Esquerda?

Francisco Moreira – Ih, muitas marchinhas!

Jason Santa Rosa – É? O senhor se lembra de alguma?

²⁷⁵ O entrevistado canta o trecho transcrito.

²⁷⁶ O entrevistado canta o trecho transcrito.

²⁷⁷ O entrevistado canta o trecho transcrito.

Francisco Moreira – Tem uma, deixa ver... Eu lembro um pedacinho só: “Quanta fome, quanto olho fundo, num banquete feito pra União!” [risos] Aí acabou. O pessoal da Esquerda fez. [inaudível] ficou macho!

Keka Simões – E do lado de lá, criticando o lado de cá, tinha?

Francisco Moreira – Não, do lado tinha de cá. Tio Aníbal era bom de serviço para esse negócio. Tinha mais era de cá para lá do que deles para cá.

Jason Santa Rosa – Quem escrevia as...

Francisco Moreira – Ah, meu tio escrevia muito!

Keka Simões – Seu tio qual?

Francisco Moreira – Aníbal. Ele gostava desse negócio, gostava de confusão. Às vezes [inaudível] é festa. [risos]

Keka Simões – O senhor guarda essas letras que eles faziam?

Francisco Moreira – Não. Graças a Deus, tenho a memória boa! Eu sei na cabeça assim.

Keka Simões – Ah, mas é bom escrever para guardar, não é? Tem mais alguma coisa que a gente não perguntou e que o senhor gostaria de falar, de dar aqui um depoimento?

Francisco Moreira – Uma coisa que não tem condição de voltar mais: os uniformes das escolas. Sete de Setembro eu fui tocar em Santo Domingos²⁷⁸. Deu até saudade! As escolas todas uniformizadas – da forma como a gente tinha – fizeram homenagem a Santos Dumont²⁷⁹, fizeram um avião enorme! Eu achei bonito! E aqui acabou! É uma das cidades antigas... As autoridades tomarem providência, os educandários... Você vê que a criança... Está muito vazio... É um Sete de Setembro! Eu achava que o turismo... As serestas: antigamente, nós fazíamos serestas, direto. Se tivesse uma moça, como essa menina bonita aí²⁸⁰... Eu ia lá tocar para ela e ela abria a janela, adorava: “Ah! A menina bonita abriu a janela!” Tocava aquelas valsas... Agora não pode, porque... Engraçado, muitas vezes a... Muita gente solícita, mas a violência está muita, não é? Então isso aí... A gente saía sozinha, a rua deserta,

²⁷⁸ Até o momento, não foi possível obter informações sobre o local citado.

²⁷⁹ Alberto Santos Dumont, inventor do avião e de outros instrumentos. Em 2006 foi comemorado o centenário de seu primeiro vôo autônomo.

²⁸⁰ Refere-se à monitora Rosilene Magda Figueiredo.

tocávamos eu e meu primo, depois eu e Crispim²⁸¹, principalmente nós dois tocamos muito. De vez em quando, você se arrisca, não é? Mas é perigoso.

Jason Santa Rosa – Por que o senhor acha que todos os distritos de Mariana têm uma banda, tem músico? Ouro Preto é assim também?

Francisco Moreira – Em quase todo lugar é. Nessa nossa redondeza principalmente... Antigamente, o povo tinha duas opções: ou jogava bola ou tocava. Não tinha diversão, entendeu? Os bons clarinetistas... Geralmente os da roça são os melhores clarinetistas, porque clarineta e saxofone são uns instrumentos que exigem muita dedilhação, não é? Então a pessoa estudava, se dedicava. Hoje em dia é muita coisa, entendeu? A televisão, então, foi um inferno! Você leva a música para você tocar na sua casa: “Ah, Chiquinho! Pára aí! Eu quero ver a novela, eu quero ver o repórter”. Antigamente não tinha nada disso.

Jason Santa Rosa – Era uma diversão, mesmo.

Francisco Moreira – Era, era mais diversão. Hoje em dia, virou só... Quem tem vontade mesmo é que aprende. Como eu falei com um rapaz: hoje, quem vem aprender tem vontade, nem que seja mais por intuição, não é? E acaba gostando.

Keka Simões – O senhor falou que o clarinetista...

Francisco Moreira – O som também acabou muito. O som... Antigamente a gente ganhava muito dinheiro, eu... Carnaval, bailes, tocava muito em uma boate lá em Belo Horizonte. Hoje em dia o som acabou. Com essa aparelhagem eletrônica...

Jason Santa Rosa – O senhor chegou a tocar em Belo Horizonte?

Francisco Moreira – Toquei muito, já venci um concurso de música lá.

Keka Simões – O senhor falou que o pessoal da roça era bom clarinetista?

Francisco Moreira – É, porque se dedicava mais, tinha mais tempo, não é?

Keka Simões – Ah, tinha mais tempo!

Jason Santa Rosa – O senhor acha que Mariana era mais alegre?

Francisco Moreira – Ah, foi mais alegre! Era mais divertido. Tudo era motivo de música, de chacota, entendeu? Eles faziam muitas musiquinhas para os outros assim... Mas se eu contar... É chato falar isso.

²⁸¹ O entrevistado não mencionou o nome completo.

Jason Santa Rosa – Em relação a Ouro Preto, em termos de música, o que o senhor acha?

Francisco Moreira – Aqui era melhor do que Ouro Preto. Aqui era melhor. O Carnaval era melhor, aqui era melhor. Agora...

Keka Simões – É... Pode falar.

Francisco Moreira – O Camargos, por exemplo, tinha uma banda, foi uma das melhores... Praticamente acabou. Camargos foi organizado por meus tios por parte de minha avó. Meus ancestrais eram de Camargos. Tinha uma banda e tanto lá também! Quase fazia frente à Banda Militar!

Keka Simões – E hoje lá está muito pequenininho, não é?

Francisco Moreira – Acabou, acabou.

Keka Simões – Acabou. O que o senhor achou de vir prestar seu depoimento aqui, para o Trem da Vale?

Francisco Moreira – Acho que foi uma coisa boa para mim. Gostei muito de estar com vocês, pela consideração comigo. Eu sou uma pessoa, como se diz, um João Ninguém. Mas eu estou muito satisfeito e agradeço a oportunidade de vocês.

Jason Santa Rosa – O senhor gostou do trem ter voltado?

Francisco Moreira – Gostei, foi uma boa, não é? Não é aquele trem antigo, mas [inaudível].

Keka Simões – Então é isso, Senhor Chiquinho. Em nome do Trem da Vale, a gente agradece seu depoimento. Vai ser muito importante para a gente e, principalmente, para a biblioteca do Trem²⁸², onde esse material vai ficar para as pessoas poderem pesquisar e saber um pouquinho mais sobre Mariana. Obrigada.

Francisco Moreira – Eu agradeço. Um bom dia para vocês.

[Término da entrevista]

²⁸² Biblioteca Infanto-Juvenil da Estação Ferroviária de Mariana.